



IBAC

Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

**“Eu sou o cara”:
Análise Comportamental do Relato de um Mentiroso
Flávia Nunes Fonseca**

Brasília
Outubro de 2012



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

**“Eu sou o cara”:
Análise Comportamental do Relato de um Mentiroso
Flávia Nunes Fonseca**

Monografia apresentada ao Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Análise Comportamental Clínica.

Orientadora: Ana Karina C. R. de-Farias

Brasília
Outubro de 2012



Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

Folha de Avaliação

Autora: Flávia Nunes Fonseca

Título: “Eu sou o cara”: Análise Comportamental do Relato de um Mentiroso

Data da Avaliação: 19 de outubro de 2012

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a MsC. Ana Karina C. R. de-Farias

Membro: Prof.^a Esp. Denise Lettieri Moraes

Membro: Prof. Esp. Frederico Veloso

Brasília
Outubro de 2012

Dedico este trabalho a todos os mentirosos que já passaram por minha vida e que, de alguma forma, serviram de inspiração.

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores do IBAC que contribuíram para a minha formação como Analista do Comportamento. Agradeço especialmente aos professores Marçal, Gustavo Tozzi, Felipe Burle e Andréa Dutra.

Ao professor Carlos Augusto de Medeiros, que foi meu supervisor no período em que atendi o caso relatado na monografia. Obrigada por todos os questionamentos, análises, orientações, discussões e comentários que tanto me ajudaram na condução deste e de vários outros casos que atendi e ainda atenderei.

À minha orientadora, professora Ana Karina de-Farias. Você é um exemplo de competência profissional e um amor de pessoa! Como pode ser tão reforçadora como você? Obrigada por tudo! Trabalhar com você tem sido um prazer!

Aos funcionários do IBAC, em especial Fernanda, Lorena, Marianna e Monique, agradeço pela companhia e pela disponibilidade em me ajudar no que fosse preciso.

Aos membros da banca, por terem aceitado o convite para avaliar este trabalho.

À Lorena Nery, amiga que me levou para o curso de Formação do IBAC ainda em 2008. Obrigada por ter caminhado junto comigo desde o princípio!

À Greisy González, amiga que acompanhou todo o meu planejamento e o esforço para produzir essa monografia.

À tia Rosa, uma grande incentivadora, sempre interessada nos meus projetos.

Por fim, sou grata a Deus por ter chegado até aqui. Agradeço às minhas irmãs pelo apoio (Carol me ajudou grandemente até na escolha das palavras) e aos meus pais, que me acompanham sempre e possibilitaram a realização de mais essa etapa da minha vida profissional.

Sumário

Folha de Avaliação -----	i
Dedicatória -----	ii
Agradecimentos -----	iii
Sumário -----	iv
Lista de Tabelas-----	v
Resumo -----	vi
Introdução -----	1
Capítulo 1. A Mentira -----	5
1.1. Mentira na Psicanálise-----	5
1.2. Uma Visão Evolucionista sobre a Mentira-----	6
1.3. Mentira e Psicopatologia-----	8
Capítulo 2. A Mentira na Perspectiva da Análise do Comportamento-----	11
2.1. A Análise Funcional-----	11
2.2. Comportamento Verbal-----	15
2.2.1. Operantes Verbais-----	15
2.2.2. Correspondência Verbal/Não Verbal-----	18
2.3. Regras e Autorregras-----	20
Capítulo 3. Caso Clínico-----	24
Participante -----	24
Queixas e Demandas -----	24
Contexto Terapêutico -----	25
Procedimento -----	25
Resultados -----	26
1. Repertório e Contingências de Reforçamento Atuais -----	26
2. Análises Funcionais Moleculares -----	33
3. Controle Instrucional -----	35
4. Relação Terapêutica -----	37
5. Histórico de Vida -----	39
5.1. Familiar-----	39
5.2. Acadêmico- Profissional-----	40
5.3. Sócio-Afetivo-----	40
5.4. Médico-Psicológico-----	43
6. Análises Moleculares -----	43
7. Objetivos Terapêuticos -----	45
8. Intervenções Realizadas Mudanças Observadas -----	46
9. Resultados Obtidos-----	50
Considerações Finais -----	53
Referências Bibliográficas -----	59
Anexos-----	65
Anexo 1. Modelo de termo de autorização para supervisão e arquivamento de relatórios utilizado no IBAC -----	66

Lista de Tabelas

Tabela 1. Microanálises funcionais de comportamentos emitidos pelo cliente em estudo-----	33
Tabela 2. Análise Molar do Padrão Comportamental Crítico/Exigente-----	44
Tabela 3. Análise Molar do Padrão Comportamental Mentiroso-----	45

Resumo

Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre o comportamento de mentir, apresentando definições e explicações da mentira em diferentes áreas do conhecimento e, posteriormente, analisar o padrão comportamental “mentiroso” a partir da perspectiva analítico-comportamental. O comportamento de mentir foi caracterizado como um comportamento operante, cuja análise funcional deve envolver ocasiões que favorecem sua emissão, consequências em curto e longo prazo, controle instrucional e ainda a investigação de variáveis históricas que podem ter contribuído para a aquisição do padrão. Para ilustrar como os conceitos da Análise do Comportamento podem ser utilizados para analisar o comportamento de mentir, bem como que intervenções podem ser empregadas em um caso desta natureza, foi apresentado um caso clínico a partir do qual foi feita uma caracterização do padrão comportamental mentiroso e a identificação de variáveis históricas e atuais da vida do indivíduo que participam da construção e manutenção de tal padrão.

Palavras-chave: Análise Comportamental Clínica, análise funcional, mentira.

Após esta terceira mentira, seu nariz tornou-se maior ainda, como nunca estivera, tanto que ele nem sequer conseguia se virar. Quando tentava se virar para a direita, batia com o nariz contra a cama ou nas vidraças, ao tentar se virar para a esquerda, ele atingia a parede ou a porta.

A fada ficou olhando para ele e rindo.

- Por que você ri? – Pinóquio perguntou já bastante preocupado com o nariz que não parava de crescer.

- Eu estou rindo de suas mentiras.

- Como você sabe que eu estou mentindo?

- Mentiras são reconhecidas no mesmo momento em que são ditas. Existem dois tipos de mentiras: as de pernas curtas e as de narizes compridos. As suas são de nariz comprido.

Pinóquio, não sabendo como esconder sua vergonha, tentou fugir para outro lugar qualquer, mas seu nariz havia se tornado tão grande, que não conseguia (Collodi, 2002, pp. 67-68).

“As aventuras de Pinóquio” é uma história clássica da literatura infantil, cujo personagem principal é um boneco de madeira que quer ser um “menino de verdade”. Uma das grandes lições dessa história envolve o tema mentira. O boneco mente e, com isso, se envolve em muitos problemas. Para ser merecedor da condição humana, entre outras coisas, ele não deve mentir. Dessa forma, é possível verificar alguns valores culturais sobre a mentira: “meninos bons não mentem”, “aquele que mente, não vai ter sucesso e sim um castigo”.

Em contraposição à visão politicamente correta que condena o comportamento de mentir, temos outros exemplos na mídia de histórias em que o mentiroso, ou o bandido, se torna o mocinho. Frank William Abagnale Jr. e Marcelo Nascimento da Rocha são dois mentirosos reais que serviram de inspiração para os filmes “Prendame se for Capaz” e “VIPS”. As histórias dos dois têm pontos semelhantes: ambos são rapazes jovens que por meio de mentiras modificam suas vidas: assumem a identidade de diferentes personagens e, com isso, têm acesso a dinheiro, admiração e atenção. “Às vezes é mais fácil viver a mentira” – é uma frase de Carl, policial responsável pela investigação do caso de Frank Abagnale Jr. Essa citação é uma indicação de que existem mais controles envolvidos no comportamento de mentir do que simplesmente “ser bom ou mau”.

Outeiral (2004) mostra como a mentira faz parte de nosso cotidiano social e cultural: sustenta a ficção e, na vida real, permeia questões relacionadas ao desenvolvimento normal e à patologia, à política, à educação, à religião, à paixão, ao amor, etc. O autor argumenta que, afinal, a mentira faz parte do humano.

Um ponto inicial a ser tratado ao se falar de mentira, entretanto, é a própria definição do conceito. Segundo o dicionário Aurélio (Ferreira, 2010), a palavra mentira significa 1. ato de mentir, 2. engano propositado, 3. história falsa, 4. aquilo que engana ou ilude. Já o verbo mentir, é definido pelo mesmo dicionário como 1. dizer o que não é verdade, 2. dizer o que não se pensa, 3. enganar, 4. falhar, malograr-se, 5. faltar, 6. não cumprir o prometido ou o que era de esperar. Outeiral (2004) argumenta que a mentira não é apenas par antitético da verdade, já que envolve também omissões, o falso, o engano, paródias, fraudes e falsificações, por exemplo. Grubin (2005) mostra que há diferentes níveis de mentiras, motivos

diversos para contá-las, e a frequência desse comportamento é variada entre as pessoas.

Dentro do campo da Psicologia, o pesquisador Paul Ekman destaca-se por sua produção no campo da investigação sobre a mentira, tendo diversos trabalhos publicados sobre os aspectos sociais e motivações para a mentira, e possibilidades de detecção de mentiras (Ekman, 1985, 1988, 1997; Ekman & Frank, 1993; Ekman & O'Sullivan, 1991; Ekman, O'Sullivan, & Frank, 1999). As evidências científicas descritas em seus trabalhos passaram a servir de base para a série de TV americana *Lie to me*. Ekman (1997) apresenta critérios para definir o que seria a mentira: em primeiro lugar, ressalta-se a intenção do mentiroso, que deve escolher deliberadamente enganar o seu alvo; um segundo critério é a ausência de notificação para o alvo de que o mentiroso tem a intenção de mentir. Em suas pesquisas, Ekman identificou nove motivos gerais que levam as pessoas a mentir: evitar punição, obter uma recompensa que de outra forma não seria facilmente obtida, evitar que outra pessoa seja punida, proteger-se de perigo de dano físico, conseguir a admiração de terceiros, escapar de uma situação social desagradável, evitar embaraço ou vergonha, manter a privacidade e exercer poder sobre outras pessoas ao controlar o acesso a informações. De uma maneira geral, haveria dois motivos para mentiras serem mal sucedidas. O primeiro está ligado ao nível do pensamento: o mentiroso não preparou a mentira de forma cuidadosa, de forma que pode dar informações incoerentes ou não saber o que responder diante de perguntas sobre a situação. O segundo motivo está no nível da emoção: o mentiroso pode falhar ao tentar demonstrar emoções que não sente ou, ainda, quando a mentira não envolve emoções, o mentiroso pode ser traído pelas emoções que o comportamento de mentir lhe causa. Dessa forma, pode demonstrar sinais de medo, culpa ou empolgação por estar enganando, por exemplo.

O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre o comportamento de mentir e, posteriormente, analisar o padrão comportamental “mentiroso” a partir da perspectiva analítico-comportamental, demonstrando algumas variáveis comportamentais que o influenciam. Para isso, a monografia foi dividida em três partes. A primeira trata das definições de mentira em diferentes áreas do conhecimento. A segunda está voltada para a mentira na perspectiva da Análise do Comportamento e aborda com detalhes os seguintes temas: análise funcional e comportamento verbal. Por fim, a terceira parte apresenta um caso clínico a partir do qual será feita uma caracterização do padrão comportamental mentiroso e a identificação de variáveis históricas e atuais da vida do indivíduo que participam da construção e manutenção de tal padrão.

Capítulo 1. A Mentira

1.1. Mentira na Psicanálise

Freud (1913/2006) aborda o tema mentira em 1913 no texto “Duas mentiras contadas por crianças”. Defende que esse tipo de comportamento não deve ser considerado indicativo de desenvolvimento de um mau caráter, porém, é preciso considerar que alguns tipos de mentiras podem indicar disposições que levarão a futuras neuroses. Freud exemplifica a questão analisando dois casos, em que mentiras na infância foram influenciadas por sentimentos excessivos de amor e se tornaram um problema à medida que levaram a um desentendimento entre a criança e a pessoa amada. No primeiro caso, a criança mentiu para o pai após gastar indevidamente dinheiro que havia tirado dele e foi castigada. A mentira se deu, pois o motivo inconsciente para tirar dinheiro do pai não poderia ser admitido, já que representava uma fantasia de relação erótica com o pai. O senhor, ao castigar a filha, rejeitou o carinho oferecido pela criança. No segundo caso, a mentira acontecia de forma que a criança se gabava e mentia para os colegas da escola sobre as condições de sua família e suas próprias realizações, evitando assim diminuir o pai, objeto de amor que ela descobriu não ser pessoa tão grandiosa quanto pensava. Ao analisar o mesmo caso, Hartmann (2010) aponta que as mentiras eram formas de proteção.

Dorow (2008) mostra que Freud e seu discípulo Lacan concordam que as palavras são simbólicas e expressam o que está em nosso inconsciente. Dessa maneira, Freud trata a mentira como representação do discurso do inconsciente. Lacan (1979/1990) complementa a ideia afirmando que ao mentir, o sujeito anuncia a verdade de seu desejo.

De acordo com uma perspectiva psicanalítica, a existência da mentira está ligada à dificuldade dos seres humanos de negociar espaço dentro dos relacionamentos. Sartre (1956, citado por Lemma, 2005) afirmou que precisamos da mentira por causa da existência do “outro”. Nesse sentido, Lemma (2005) identificou três tipos de mentira, cada um relacionado a ansiedades específicas para as quais a mentira ofereceria uma solução aparente. O primeiro tipo, mentira sádica, é caracterizado como um tipo de violência, cujo objetivo é atacar deliberadamente e triunfar sobre aquele que é enganado. Nesse caso, para que haja satisfação do ego, o outro precisa ser controlado e humilhado, o que frequentemente funciona para reverter uma situação anterior de humilhação. Por outro lado, os dois outros tipos de mentiras estão relacionados à preservação do ego. Embora possa haver também um desejo de controle, nesses casos o objeto costuma ser visto como uma ameaça. Dessa maneira, na segunda configuração sugerida, o objeto é visto como emocionalmente indisponível ou impenetrável. A mentira seria um meio para conseguir o amor, admiração e atenção do objeto, à medida que o *self* real é substituído por uma versão inventada, atrativa e merecedora do amor. Então, a mentira tem a função de eliminar a dúvida a respeito das intenções do objeto em relação ao *self*. Já no terceiro tipo, o objeto é visto como inoportuno e a relação é opressora. A mentira serviria como uma forma de proteção contra um objeto perigoso.

1.2. Uma Visão Evolucionista sobre a Mentira

Segundo Altshuler (1925), ao analisar o comportamento de mentir, suas origens e funções, é possível sugerir que a tendência de busca pela sobrevivência pode ser parte de sua justificação. Verifica-se que animais não humanos em situações de perigo sem possibilidade de fuga utilizam mecanismos de engano como forma de

proteção. É o caso do mecanismo de mimetismo: por exemplo, alguns pássaros emitem sons que imitam o silvo de uma serpente quando atacados. Além disso, mecanismos de engano podem ser utilizados na natureza para obter sucesso na captura de presas ou na questão reprodutiva: o aspecto colorido das flores serve para atrair insetos que levarão o pólen de uma para outra.

Os mecanismos utilizados por animais possuem todos os elementos de uma mentira, apenas não são verbais. Dessa maneira, instintos similares de autopreservação e proteção podem ter levado o homem primitivo a empregar mecanismos de engano semelhantes. O homem obteve grandes vantagens ao adotar tais mecanismos: paz, segurança, independência e possibilidade de dominação em um mundo em que era um ser inferior diante de muitos predadores e perigos. A falsidade, então, tornou-se uma virtude e um hábito. A vantagem evolucionária conferida pela habilidade de enganar notada por Darwin pode ter contribuído também para a evolução de uma consciência humana capaz de enganar a si mesmo e aos outros (Altshuler, 1925; Lemma, 2005).

Smith (1987) aponta pelo menos três áreas que podem ter sido contexto para a evolução de mecanismos de engano: estratégias de acasalamento, conflito entre pais e a prole, e brincadeiras sociais envolvendo parceiros desiguais. De maneira geral, a disparidade entre habilidades competitivas ou de conhecimento cria condições para a evolução do comportamento enganoso. O autor argumenta que há um conflito evolucionário entre o que engana e o que é enganado: à medida que as técnicas para enganar se desenvolvem, intensifica-se a seleção de mecanismos de detecção das mentiras e vice-versa.

Tratando a questão da sobrevivência ou convivência em sociedade, Meltzer (2003) define que a mentira é um mecanismo para lidar com situações sociais de

forma que o autor avalie como mais eficaz. Dessa maneira, a maioria das pessoas utiliza a mentira como um mecanismo de adaptação considerado adequado ou necessário em certas situações. Sob esta perspectiva, a manutenção dos laços sociais seria um resultado positivo das mentiras. O autor mostra uma classificação de diferentes tipos de mentira. As chamadas mentiras benignas envolvem as “mentiras brancas” ou altruístas, utilizadas para proteger os outros de agressões ou ameaças ao seu senso de *self*, o que geralmente é considerado aceitável de um ponto de vista que considere o bem da sociedade. Alguns exemplos dizem respeito às regras de boa educação: “que bom te ver!”, “não poderei aceitar seu convite, pois já tenho outro compromisso, que pena!”. Há também mentiras benignas por necessidade, quando o objetivo é a proteção de si mesmo ou de outros contra atos autoritários, como as mentiras que alguns alemães contaram a nazistas enquanto ajudavam amigos judeus a se esconderem. Por outro lado, Meltzer descreve também as chamadas mentiras exploradoras, cuja intenção é obter vantagens para o mentiroso ou desvantagens para o enganado. Entre elas, é possível citar as mentiras de autopromoção (exageros sobre os próprios atributos ou realizações) e mentiras para agradar aqueles que possuem maior poder, por exemplo.

1.3. Mentira e Psicopatologia

Dike, Baranoski e Griffith (2005) descreveram algumas condições psiquiátricas que tradicionalmente são ligadas à mentira: Confabulação, Síndrome de Ganser, Transtorno Factício, Transtorno de Personalidade Borderline e Transtorno de Personalidade Antissocial. Além disso, é possível observar mentira nos Transtornos de Personalidade Narcisista e Histriônica. Contudo, apesar de haver evidências positivas, ainda não está claro se a mentira patológica existe como uma condição

psiquiátrica independente e não apenas como sintoma característico de outros transtornos.

Ao tratar da mentira patológica, os termos mitomania e pseudologia fantástica são também utilizados de forma equivalente. Apesar de não haver consenso na literatura a respeito da definição da mentira patológica, Dike e cols. (2005) apontaram os seguintes aspectos para caracterizar o fenômeno: repetidas declarações de inverdades; mentiras verificadas ao longo de anos, podendo se tornar parte do estilo de vida; mentiras como um fim em si mesmas, ou seja, motivações externas, como vantagens sociais ou recompensas materiais não parecem ser os motivadores primários para o comportamento; mentiras aparecem frequentemente na forma de narrativas complexas.

Grubin (2005) defende que o que caracteriza um comportamento como anormal na esfera psiquiátrica é a medida em que o indivíduo tem controle sobre ele. Dessa maneira, o fato de um comportamento causar mais danos do que benefícios e de não haver um motivo racional para que ele ocorra podem indicar uma desordem psiquiátrica, mas não são condições suficientes para isso. O que esses indicadores certamente sugerem é uma falta de controle. Compara-se o comportamento de mentir patológico nesse caso com as respostas de ansiedade em um indivíduo que apresenta um transtorno de ansiedade: as respostas acontecem a despeito de sua vontade. Partindo deste pressuposto, se não houver evidência de compulsão, impulsividade ou disfunção cerebral, a mentira habitual não caracteriza uma síndrome, sintoma ou diagnóstico psiquiátrico.

Ainda no que se refere à caracterização da mentira patológica, outro ponto de discordância é a consciência ou não do mentiroso a respeito de suas mentiras. Dike e cols. (2005) mostraram que há uma divisão entre (a) os autores que consideram que

os mentirosos patológicos veem suas mentiras como realidade e acreditam nelas, e (b) os especialistas que defendem a tese de que as mentiras são atos intencionais. Especialistas do primeiro grupo caracterizam as mentiras nesses casos como não planejadas e mais elaboradas do que mentiras comuns. Afirma-se que há apenas uma consciência obscura da situação real na mente dos mentirosos patológicos. Os oponentes dessa visão mostram evidências de que, quando a atenção dos mentirosos é voltada sistematicamente para suas mentiras, há um reconhecimento pelo menos parcial sobre a falsidade do relato. Por outro lado, eles não voltam sua atenção para essa direção por si sós. Essa observação, porém, sugere que há certo grau de intencionalidade no ato de mentir. Em outras palavras, apesar do prejuízo na capacidade para distinguir entre mentira e realidade, o mentiroso patológico mantém a capacidade de reconhecer a sua mentira quando confrontado com evidências contrárias e é comum que modifique seus relatos, o que diferencia a mentira patológica de quadros delirantes (Birch, Kelln & Aquino 2006, citado por Kümmer & Harsányi, 2008).

Capítulo 2. A Mentira na Perspectiva da Análise do Comportamento

Relações comportamentais, definidas como relações entre ações de pessoas e eventos do mundo físico e social com os quais interagem, são o objeto de estudo da Psicologia de acordo com a Análise do Comportamento (Harzem & Miles, 1978; Tourinho, 2006; Todorov, 1982; Skinner, 1953/1998, 1957/1978, 1981). Skinner (1981) propôs o modelo de seleção por consequências para a análise do comportamento humano. Segundo esta proposta, o comportamento é resultado da ação de três níveis de variação e seleção. No nível filogenético, analisam-se as contingências de sobrevivência envolvidas na seleção natural de características das espécies. O nível ontogenético se refere à história de vida de cada indivíduo da espécie e às contingências de reforçamento responsáveis pelo desenvolvimento de repertórios de comportamento individuais por meio do condicionamento operante. Por fim, há o nível de seleção cultural. A evolução da cultura está ligada a práticas que contribuem para o sucesso do grupo na solução de seus problemas. Dessa forma, tais práticas seriam selecionadas e transmitidas devido ao seu efeito sobre o grupo e não por consequências reforçadoras para o comportamento dos membros individuais.

2.1. A Análise Funcional

A unidade de análise utilizada para descrever comportamentos individuais no nível ontogenético é a contingência de reforçamento, que mostra relações funcionais entre o comportamento operante e o ambiente com o qual o organismo interage. Assim, de acordo com Todorov (1989) a contingência pode ser definida como uma regra que especifica relações entre eventos ambientais ou entre comportamentos e eventos ambientais. A relação funcional seria uma relação de causa e efeito. O

operante é definido como um grupo de respostas de topografias diferentes que constituem uma classe funcional por produzirem uma consequência comum (Glenn, 1986/2005). Com a utilização do termo “operante”, enfatiza-se que o comportamento opera sobre o ambiente gerando consequências. Então, segundo Skinner (1953/1998), para que seja possível analisar a interação entre um organismo e seu ambiente, é preciso especificar pelo menos três elementos: a ocasião em que a resposta ocorre, a própria resposta e as consequências reforçadoras.

Quando se trata de condicionamento operante, a probabilidade de ocorrência de uma resposta é influenciada por suas consequências. Ao fazer uma análise funcional, é importante identificar que tipo de relação entre resposta e consequência está em operação. O reforçamento é definido quando a probabilidade de ocorrência de uma resposta aumenta ou se mantém, o que pode ocorrer devido à adição de um estímulo reforçador (reforçamento positivo) ou pela retirada de um estímulo aversivo ou punitivo (reforçamento negativo). Por outro lado, quando há punição, a probabilidade de emissão de uma resposta diminui pela apresentação de um estímulo aversivo/punitivo (punição positiva) ou pela retirada de um estímulo reforçador (punição negativa) (Baum, 1994/2006). Além disso, também é possível verificar diminuição da frequência de uma resposta por meio do processo de extinção operante, que ocorre quando há uma quebra na contingência, ou seja, o reforço anteriormente contingente a uma resposta deixa de ocorrer (Skinner, 1953/1998).

Cabe ressaltar que há diferentes tipos de reforçadores. Os estímulos reforçadores primários ou incondicionados têm seu valor reforçador determinado filogeneticamente, de forma que sua função de fortalecer comportamentos (nas devidas condições motivacionais) é inata. Já os reforçadores condicionados são estímulos inicialmente neutros que adquirem função reforçadora por meio de um

processo de aprendizagem, o reforçamento condicionado, que se refere a uma história de associação com um estímulo reforçador já estabelecido (primário ou condicionado) (Tomanari, 2000). Existem ainda os reforçadores generalizados, cuja função reforçadora independe de variáveis motivacionais. Um reforçador condicionado torna-se generalizado a partir do emparelhamento com mais de um reforçador primário (Skinner, 1953/1998).

Dessa maneira, a análise funcional configura-se como um instrumento básico de trabalho dos analistas do comportamento. Nesse contexto, o comportamento de um organismo individual é a variável dependente e as variáveis independentes seriam as condições externas das quais o comportamento é função (Skinner, 1953/1998). O analista do comportamento busca identificar contingências atuais e inferir sobre contingências que operaram no passado a partir da observação direta ou de relatos de comportamentos (Meyer, 2001).

Na prática clínica, a análise funcional permite a elaboração de hipóteses a respeito da aquisição e manutenção de repertórios comportamentais, possibilita a programação de intervenções visando ao desenvolvimento de novos repertórios e é fundamental para o planejamento da manutenção e generalização das mudanças alcançadas. Verifica-se assim que a análise funcional tem papel importante durante todo o processo terapêutico (Delitti, 2001; Meyer, 2001).

Segundo Cirino (2001), para identificar os motivos pelos quais um indivíduo se comporta da forma como se comporta, é preciso investigar tanto as contingências atuais em vigor, como as contingências históricas. Sugere-se que a história está diluída no comportamento atual. Dessa maneira, para que haja uma compreensão ampla de um caso, é preciso ir além de uma investigação de determinantes de comportamentos atuais específicos, mas buscar uma análise molar, isto é, uma

análise que inclua aspectos ligados à história de vida e ao desenvolvimento de padrões comportamentais (Marçal, 2005).

Assim sendo, na perspectiva analítico-comportamental, ainda que um comportamento seja aparentemente inadequado ou socialmente reprovado, ele tem uma função no repertório daquele que o emite e foi selecionado por suas consequências. Logo, é papel do terapeuta investigar em que contingências o comportamento se instalou e se mantém, utilizando, para isso, dados da história de vida do cliente, das contingências atuais e da relação terapêutica (Delitti, 2001).

No caso do comportamento de mentir, é possível classificá-lo como um comportamento operante. Portanto, a análise funcional desta classe de resposta envolverá identificação de ocasiões que favorecem sua emissão, além das consequências em curto e longo prazo. É importante ainda a investigação de variáveis históricas que podem ter contribuído para a aquisição do padrão em diferentes contextos, como o familiar, sócio-afetivo e acadêmico-profissional. A análise passa ainda pelo controle instrucional, com a identificação de valores que influenciam as escolhas dos indivíduos e de regras e autorregras que participam da determinação dos comportamentos como condições antecedentes.

Retomando os nove motivos gerais para o comportamento de mentir listados por Ekman (1997), é possível identificar tanto operações envolvendo reforçamento positivo como reforçamento negativo. No que se refere ao reforçamento positivo, nota-se a importância do reforçamento social, à medida que a mentira pode dar acesso a reforçadores como admiração e atenção. Além disso, Ekman fala da obtenção de recompensas, que poderiam ser definidas como reforçadores incondicionados (*e.g.*, sexo, alimento), condicionados (*e.g.*, reconhecimento social) ou generalizados (*e.g.*, dinheiro). A lista de Ekman também aponta vários exemplos

de fuga e esquiva, sendo a mentira fortalecida por reforçamento negativo, quando o sujeito evita o contato com estimulação aversiva: críticas, julgamentos, danos físicos ou situações embaraçosas, por exemplo.

2.2. Comportamento Verbal

Uma análise comportamental do comportamento de mentir exige considerações sobre o comportamento verbal. Segundo Skinner (1957/1978), o comportamento verbal é um tipo de comportamento operante, mas tem como característica diferencial o fato de suas consequências serem mediadas por outras pessoas, membros de uma comunidade verbal. Em outras palavras, verifica-se que a consequência não possui relações geométricas ou mecânicas com a resposta verbal, mas depende da mediação de um ouvinte treinado pela comunidade verbal para atuar como tal (Barros, 2003). Baum (1994/2006) esclarece que a comunidade verbal é formada por um grupo de pessoas que falam entre si e reforçam as verbalizações umas das outras. Os membros desse grupo cultural apresentam práticas específicas sobre formas de reforçar o comportamento de um falante. O conceito de audiência mostra-se fundamental nesse contexto: o ouvinte apresenta estímulos que aumentam a probabilidade de emissão do comportamento verbal e que sinalizam o tipo de repertório verbal adequado e o tema do episódio verbal (Medeiros, 2002a). Dessa forma, conclui-se que a audiência pode controlar a emissão de diferentes repertórios verbais, isto é, o conteúdo e a forma de nossa fala podem mudar de acordo com o ouvinte (Barros, 2003).

2.2.1. Operantes Verbais

Segundo Medeiros (2002a), a análise funcional do comportamento verbal pode trazer grandes benefícios para a prática clínica ao permitir uma análise mais completa dos padrões de resposta emitidos pelos clientes em terapia. Skinner (1957/1978) definiu diferentes tipos de operantes verbais. A função de cada um é definida a partir da identificação de elementos da contingência tríplice: as variáveis de controle antecedente e as consequências sobre o ouvinte. Embora a classificação proposta por Skinner seja mais ampla, para os propósitos deste trabalho, é importante detalhar três operantes verbais: mando, tato e intraverbal.

O mando é uma resposta verbal controlada por uma operação estabelecadora e mantida por reforçadores determinados e específicos, consequências diretamente relacionadas à condição geradora deste quadro motivacional antecedente e que podem alterá-lo. Ordens, pedidos, perguntas e conselhos são exemplos de mandos. O estabelecimento desse repertório se dá na medida em que o operante emitido diante de um estado motivacional é seguido por uma consequência que reduz a privação específica ou elimina a estimulação aversiva (Barros, 2003; Passos, 2003; Skinner, 1957/1978).

No que se refere ao tato, a resposta verbal é controlada por estímulos discriminativos não verbais e é mantida por reforçadores genéricos e inespecíficos. Em geral, são reforçadores sociais como gratidão e atenção. Por meio do tato, objetos, eventos ou suas propriedades (estímulos discriminativos) são descritos pelo falante. Nesse caso, supõe-se que haja correspondência funcional entre as características do estímulo discriminativo e as características da resposta verbal. O tato tem importância especial por ser uma possível via de acesso aos estados internos do falante (Barros, 2003; Baum, 1994/2006; Matos, 1991; Skinner, 1957/1978).

Por fim, o intraverbal constitui uma resposta verbal controlada por um antecedente verbal. Este operante é mantido por reforçamento social e pode ser descrito como a conexão de elementos verbais conforme o estabelecido pela cultura. Em outras palavras, o intraverbal pode ser considerado uma resposta socialmente esperada. A relação entre o estímulo verbal antecedente e a resposta é arbitrária e estabelecida pela comunidade verbal. Um exemplo comum é a resposta “tudo bem” diante da pergunta “como vai?” (Barros, 2003; Skinner, 1957/1978).

Medeiros (2002a) destaca a possibilidade de distorção na precisão dos relatos verbais e as implicações disto na prática clínica. Skinner (1957/1978) chama de tatos distorcidos as respostas verbais emitidas sem correspondência com os estímulos de controle. Dessa maneira, o falante pode exagerar ou mesmo inventar fatos. Uma resposta que tenha recebido uma medida especial de reforço pode ser emitida em uma ocasião diferente daquela em que caracteristicamente é reforçada. Assim, o pescador pode superestimar o tamanho do peixe fígado, por exemplo. Skinner caracteriza como mentira uma distorção maior, em que uma resposta é emitida em circunstâncias que normalmente controlam uma resposta incompatível. Medeiros caracteriza o tato distorcido como uma forma de contracontrole, por meio da qual o indivíduo pode se esquivar da punição proporcionada pelo ouvinte ao relatar eventos ambientais de forma imprecisa. Medeiros aponta ainda que esse tipo de tato pode ser também mantido por reforço positivo: os ouvintes reforçam o relato de comportamentos socialmente aprovados, de forma que tatos distorcidos ficam mais sob controle do reforço generalizado provido pelo ouvinte do que do estímulo discriminativo não verbal precedente.

Outra possibilidade de distorção dos relatos verbais são os mandos disfarçados, que podem ser caracterizados como respostas verbais que estão sob

controle de operações estabelecidas, mas possuem topografia de tato. Por exemplo, uma pessoa que está sentindo frio comenta “como a temperatura da sala está desagradável!” em vez de emitir um comando direto pedindo “você poderia desligar o ar condicionado?”. É possível supor que haja uma história de punição da emissão de comandos diretos, o que leva ao desenvolvimento deste padrão. Os ouvintes possuem treino para responder a esse tipo de resposta manipulativa como se fossem comandos diretos, oferecendo reforço a esse comportamento. Mesmo que não sejam sempre reforçadas, tais respostas também têm menor probabilidade de resultar em consequências aversivas e assim são mantidas (Medeiros, 2002a). Ribeiro (1989) aponta que a mentira pode ser um exemplo de uma resposta que tem topografia de tato, mas está sob controle de consequências específicas devido a condições especiais de reforçamento positivo ou negativo, de forma que possui função de comando. Uma criança pode então relatar que brincou com determinados brinquedos mesmo que não tenha efetivamente se engajado nessa atividade se a resposta verbal tiver sido anteriormente reforçada. A resposta verbal, neste caso, não está sob controle do evento antecedente, mas da consequência reforçadora.

Ferster (1968, citado por Medeiros, 2002b) afirma que a presença de manipulações do comportamento verbal sinaliza que os indivíduos não possuem repertório comportamental para se esquivarem de forma definitiva de estímulos aversivos e para obterem reforçadores positivos.

2.2.2. Correspondência Verbal/Não Verbal

A correspondência entre comportamento verbal e não verbal pode ser definida como uma relação entre o que uma pessoa fala e faz ou entre o que ela faz e posteriormente relata (Lima & Abreu-Rodrigues, 2010). Beckert (2001) explica que,

quando a correspondência existe, é possível verificar que o comportamento antecedente adquire funções discriminativas para o comportamento subsequente.

Pergher (2001) caracteriza a situação terapêutica como uma interação entre um terapeuta e um cliente, que fala sobre acontecimentos de sua vida, fatos sobre pessoas, sentimentos e intenções. Em geral, o terapeuta não tem acesso direto aos eventos relatados pelo cliente. Relatos fidedignos da realidade seriam uma fonte de dados ideal, facilitando a análise de contingências e a proposta de intervenções adequadas. Contudo, o que o cliente fala durante a sessão pode estar sob controle de variáveis diversas e estranhas à correspondência com o comportamento não verbal que ocorre fora do *setting* terapêutico (Beckert, 2001). Em outras palavras, fazer e dizer são classes comportamentais diferentes e podem estar sob controle de contingências distintas.

Glenn (1983) descreve alguns exemplos de comportamentos verbais “mal adaptativos” no contexto clínico, que tanto podem caracterizar o problema específico do cliente, como podem dificultar a resolução do problema. Os exemplos envolvem o que a autora classificou como tatos inadequados. A observação pobre caracteriza-se pela ausência de repertório preciso de tatear. A negação envolve relatos verbais não correspondentes com a realidade em situações em que emitir o tato preciso seria muito aversivo. A mentira foi definida como relato de eventos que não ocorreram e por isso não poderiam ter controlado um tato. Nesse caso, assume-se que o falante sabe que o evento não ocorreu realmente. Os operantes classificados como intraverbais também poderiam ser acrescentados nesta análise. Todos esses exemplos podem ser ditos como comportamentos mal adaptativos pela falta de correspondência entre o verbal e o não verbal.

Ainda segundo Glenn (1983), existem muitas possibilidades para analisar o fato de um indivíduo procurar terapia e ao mesmo tempo tornar difícil que o terapeuta o ajude emitindo comportamentos verbais inadequados. Pode ser que o cliente não queira ajuda de fato e tenha sido coagido a buscar terapia por uma terceira pessoa. Outra possibilidade é que o cliente esteja em terapia por vontade própria, mas seu objetivo é buscar amor e atenção e não ajuda ou mudanças efetivas em suas condições de vida. De qualquer maneira, Beckert (2001) destaca que é papel do terapeuta criar contingências de reforçamento que estabeleçam e mantenham a correspondência. Nesse sentido, é mais provável que haja correspondência se o dizer do cliente estiver sendo controlado por reforçamento natural, ou seja, o relato preciso é reforçado à medida que permite ao ouvinte conhecer o evento, analisar e conversar sobre ele. Tal situação se contrapõe à condição de reforçamento arbitrário em que a resposta verbal está sob controle do ouvinte e a verbalização é reforçada quando está de acordo com o que é esperado por ele.

2.2.3. Regras e Autorregras

Um importante conceito no âmbito do comportamento verbal se refere a regras: estímulos verbais que descrevem ou especificam contingências, ou seja, relações entre eventos ambientais ou entre eventos ambientais e comportamentos (Baum, 1994/2006). Fala-se em autorregras quando as descrições das contingências são emitidas pelo próprio falante. Nesse caso, não há diferença funcional em relação às regras, a característica que distingue os dois conceitos é que quem emite a regra no segundo caso é o próprio sujeito que irá segui-la.

Os comportamentos humanos podem ser modelados por contingências ou governados por regras. Baum (1994/2006) caracteriza que, no primeiro caso, o

comportamento é modelado e mantido diretamente por consequências imediatas, que não dependem da descrição de uma regra, mas somente da interação com as contingências. Kerr e Keenan (1997) apontam que, no comportamento governado por regras, há um antecedente verbal que gera ou mantém o comportamento sem que a contingência especificada pela regra seja diretamente experimentada. Dessa maneira, Baum especifica que esse tipo de comportamento envolve dois tipos de contingência: uma social, em que há um antecedente verbal e o reforço é contingente ao comportamento de seguir a regra, e a própria contingência especificada pela regra, na qual o reforço será consequência do comportamento especificado e, geralmente, será apresentado em longo prazo.

Meyer (2005) mostra que os comportamentos governados por regras podem ser classificados em dois tipos, conforme proposta de Hayes. A primeira possibilidade é o comportamento de *tracking* (rastreamento), caso em que regra é acurada de forma que é seguida por dar acesso a reforçadores naturais. Mais especificamente, o reforçamento se dá pelo contato com as consequências que a resposta definida pela regra produz. Por outro lado, verifica-se também o *pliance* (aquiescência), que depende essencialmente de contingências sociais. O reforçamento é arbitrário, fornecido pelo emissor da regra contingentemente à resposta de fazer o que a regra diz.

Skinner (1974/1982, citado por Meyer, 2005) apontou algumas diferenças entre comportamentos governados por regras e aqueles modelados pelas contingências. Por um lado, destaca-se que as regras podem facilitar a aprendizagem à medida que um comportamento descrito por uma regra pode ser aprendido mais rapidamente do que se ele fosse resultado apenas da modelagem pelas contingências. Além disso, as regras facilitam o aproveitamento de semelhanças entre contingências

quando comparadas ao processo de generalização. As regras são importantes para a aprendizagem diante de contingências aversivas, complexas ou imprecisas, e permitem que haja um menor contato com estímulos aversivos. Por outro lado, observa-se que frequentemente o sentimento associado ao seguimento de regras é o medo de punição. Ademais, sabe-se que as descrições de contingências podem não ser completas ou exatas, além de que as contingências descritas podem não se manter de forma perfeita.

Apesar das vantagens das regras no que se refere à aprendizagem de comportamentos, Meyer (2005) enfatiza que pesquisas básicas sobre o tema têm demonstrado que, sob certas condições, o uso de regras pode produzir redução da sensibilidade às contingências (*e.g.*, Hayes & cols., 1986; Kaufman & cols., 1966). Um comportamento é caracterizado como insensível às contingências quando ele não se altera diante de mudanças nas contingências de reforço.

A investigação do controle instrucional é fundamental dentro de um processo terapêutico. É importante investigar regras e autorregras que podem fazer parte da determinação do comportamento do cliente, bem como onde e de que forma tais regras foram aprendidas. Além disso, outro fator importante é a verificação do que predomina no repertório do cliente: *tracking* ou *pliance*. O excessivo controle por regras e a insensibilidade às contingências podem ser parte da demanda dos que buscam terapia. Nesse sentido, segundo Medeiros (2002b), o terapeuta deve estar atento para a identificação de intraverbalizações de regras: o relato do cliente está sob controle do que o terapeuta espera ouvir e não do seu próprio comportamento diante das contingências descritas pela regra. Em adição, o autor destaca a investigação de possíveis regras disfuncionais impostas pela cultura, religião, tradições, etc., que são classificadas assim por não descreverem precisamente as

contingências, diminuindo a probabilidade de os clientes se comportarem de forma a obter reforços no ambiente. Em conclusão, Medeiros (2010) discorre sobre os riscos de o terapeuta tornar-se mais uma fonte de regras para o cliente, incluindo dependência, insensibilidade, reforçamento de um padrão de submissão e resistência do cliente, por exemplo. Caberia ao terapeuta, assim, criar condições para que o cliente formule autorregras e consiga segui-las.

A seguir, será apresentado um caso clínico de um cliente que apresenta o padrão comportamental mentiroso para ilustrar como os conceitos da Análise do Comportamento podem ser utilizados para analisar o comportamento de mentir, bem como que intervenções podem ser empregadas em um caso desta natureza.

Capítulo 3. Caso Clínico

Participante

Ricardo (nome fictício), sexo masculino, tinha 30 anos. Trabalhava como funcionário público e era estudante do último semestre do curso de Direito em uma faculdade particular. Solteiro, namorava há 1 ano. Morava com os pais e duas irmãs mais novas. A condição socioeconômica da família foi apontada como classe média.

O estudo de caso foi autorizado pelo cliente de acordo com documento de autorização para supervisão no Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC), segundo modelo apresentado no Anexo 1.

Queixas e Demandas

O cliente apontou como queixa principal sua infidelidade nos relacionamentos amorosos. Afirmou ter duas namoradas ao mesmo tempo: uma com quem se relacionava há 1 ano e outra com quem iniciou o relacionamento 1 mês antes do início da terapia. Além disso, costumava sair sozinho e ficar com outras mulheres, muitas vezes mais de uma na mesma noite. Sentia-se muito culpado por enganar a namorada mais antiga, pois afirmou que a considerava uma menina muito virtuosa, ideal para o casamento. A questão da infidelidade gerava culpa por ser contrária aos valores religiosos que seguia. Entretanto, o cliente descreveu a infidelidade como um vício, algo que não conseguia evitar.

Nas palavras do cliente: “meu objetivo com a terapia é acabar com o problema da infidelidade para que eu possa me casar. Sou uma pessoa muito objetiva e meu autoconhecimento é muito bom. Estou interessado e disposto a fazer mudanças, então quero resultados rápidos”. Apesar de ter dito na primeira sessão que seu

objetivo era acabar com a infidelidade para que pudesse se casar, houve um momento em que afirmou que não seria o fim do mundo, caso não se casasse com a namorada. Afirmou que em alguns momentos desejava viver essa vida de “ficar com várias pessoas”.

Desde a primeira sessão, a terapeuta notou duas características marcantes no relato do cliente:

- inconsistências no discurso dentro da mesma sessão e entre sessões; e
- descrições detalhadas, positivas e por muitas vezes exageradas sobre suas características e seus comportamentos em contraposição a uma descrição sempre muito crítica e negativa sobre as outras pessoas.

Contexto Terapêutico

Os atendimentos ocorreram em um consultório de atendimento do IBAC, em que havia duas poltronas posicionadas uma de frente para a outra, e decoração neutra.

Procedimento

Foram realizadas um total de 16 sessões terapêuticas com duração de 50 minutos cada. Os atendimentos foram realizados de acordo com a Análise Comportamental Clínica, que se fundamenta nos princípios teóricos do Behaviorismo Radical. Entre as estratégias terapêuticas utilizadas, destacam-se a audiência não punitiva, o reforçamento diferencial de relatos precisos, bloqueio da esquiva diante de racionalizações e intraverbais, treino em auto-observação utilizando perguntas abertas, questionamento reflexivo e algumas tarefas de casa, que consistiam basicamente em perguntas sobre as quais o cliente deveria refletir durante a semana e

trazer por escrito para discussão na sessão. As estratégias terapêuticas serão descritas com maiores detalhes na seção “Intervenções Realizadas”.

Resultados

Os resultados serão apresentados a partir da formulação comportamental elaborada com os dados coletados ao longo das 16 sessões terapêuticas.

1. Repertório e Contingências de Reforçamento Atuais¹

Ricardo estava cursando o último semestre da faculdade. Para que fosse possível concluir o curso, ele se matriculou em sete disciplinas, além de ter que preparar a monografia. Afirmou que se sentia atrasado em relação a outras pessoas de sua idade por ainda não ter se formado, mas apontou o fato de ter precisado trabalhar desde novo como justificativa para esse atraso. Não acreditava ter aproveitado o curso como os outros colegas, pois não tinha tempo de estudar, de maneira que a maioria do que aprendeu foi apenas prestando atenção às aulas. Por outro lado, apontou como uma vantagem o fato de a empresa em que trabalhava custear uma parte da mensalidade da faculdade.

Em relação ao seu trabalho, relatou estar bastante desmotivado, pois no seu setor não havia muita demanda, então ele tinha muito tempo livre. No momento em que procurou terapia, este era um fator positivo, à medida que sobrava tempo para fazer atividades relacionadas à faculdade ao longo da jornada de 8 horas que precisava cumprir diariamente. Em longo prazo, contudo, estava preocupado, pois não queria permanecer no trabalho naquelas condições. Afirmou que se incomodava bastante

¹ O termo atual será utilizado ao longo deste trabalho para fazer referência ao momento da terapia.

também com os colegas de trabalho, descritos como pessoas de nível cultural mais baixo do que o seu.

Um aspecto central em sua vida era a religião. Afirmou possuir conhecimento profundo da Bíblia e procurava cumprir todos os ensinamentos. Sentia o que chamou de “arrogância espiritual”: sentia-se no direito de julgar os outros. Nesse aspecto, fez a analogia com a passagem bíblica em que Jesus diz: “aquele que não tiver pecado, que atire a primeira pedra”. Afirmou que já sentiu que era uma pessoa que não tinha pecado e dessa forma estava na posição de atirar a pedra. Segundo seu relato quando começou a terapia, seu único pecado era trair a namorada, mas reconhecia esse erro e estava tentando mudar. O importante para Deus seria conhecer o coração de cada um e no seu coração havia arrependimento, o que fazia com que Deus sempre o perdoasse.

A namorada morava num local muito próximo à casa do cliente, de forma que os dois se encontravam todos os dias. A moça foi descrita como uma menina cheia de virtudes, criada para casar. Pertencia a uma família religiosa e rígida e era muito mais nova do que ele. Os pais impunham diversas restrições para que ela saísse de casa. Apontou esse fator, somado ao fato de ter dinheiro, carro e independência como incentivadores para que saísse todos os fins de semana para festas sem a companhia da namorada. Nesses contextos, conhecia outras mulheres e afirmou que sempre ficava com alguém ou pelo menos pegava telefones. A segunda namorada não sabia sobre a primeira. O primeiro namoro (e beijo) foi apenas com 23 anos, devido aos valores religiosos. Dessa forma, ele se sentia como um adolescente que estava descobrindo apenas naquele momento a conquista e a possibilidade de relacionar-se com várias pessoas. Comparou o seu comportamento ao que sempre viu os meninos da sua idade fazerem e ele nunca fez.

Acreditava que era infiel apenas pela facilidade que tinha para conquistar mulheres, “porque posso ter a mulher”. “Falo o que ela quer ouvir. Toda mulher tem uma chave. Basta descobrir qual é a chave e ela se abrirá para você”. Os amigos que sabiam sobre suas histórias de infidelidade, geralmente, faziam comentários demonstrando pena das moças, mas ao mesmo tempo riam e mostravam certa admiração/surpresa diante das conquistas. Impressionavam-se com a frieza e capacidade de manipulação de Ricardo. O cliente relatou preferência por meninas mais novas, ingênuas, frágeis.

Descreveu-se como uma pessoa de muita garra, que sempre procura obter o melhor resultado em tudo que se propõe a fazer. Exemplificou falando de seus *hobbies*, considerava-se bom em todos, como o *zouk*, dança que aprendeu em poucos meses. Além disso, afirmou que se considerava crítico e exigente. Esperava muito das pessoas, mas acabava exigindo mais dele mesmo. “Sempre avaliamos nosso comportamento a partir dos outros. A vida é uma competição. É claro que eu me comparo com todo mundo o tempo todo! Faço isso porque tenho que estar sempre à frente”. Como exemplo desse padrão, pode-se citar que, depois de tomar posse no concurso público em que foi aprovado, comprou um carro com todos os opcionais disponíveis (banco de couro, teto solar, etc.), mudou-se com a família para um apartamento em um bairro nobre da cidade, comprometendo-se a dividir o aluguel com a mãe, iniciou uma coleção de óculos escuros (possuía até o momento 12 exemplares, cada um custando em torno de 800 a 2000 reais), passou a comprar roupas e acessórios em lojas de marca e sempre ia trabalhar de terno, embora essa não fosse uma exigência da empresa.

Identificou-se no repertório do cliente um padrão mentiroso, o qual foi apresentado tanto na relação com a terapeuta, como no ambiente natural. No tocante

à relação terapêutica, foram verificadas diversas inconsistências no discurso do cliente dentro da mesma sessão e entre sessões. Os principais exemplos serão descritos a seguir:

- 1) Na 1ª sessão, o cliente afirmou ser formado em Ciência Política pela Universidade de Brasília e que estava fazendo uma segunda graduação em Direito. Já na 3ª sessão, ao falar sobre sua adolescência e dificuldades que enfrentou para estudar, contou que prestou sete vestibulares para Direito na UnB, tendo sido reprovado em todos. Por fim, mudou de opção e foi aprovado em Ciência Política, mas cursou apenas dois semestres, pois foi nomeado no concurso e precisava trabalhar o dia inteiro. Na 12ª sessão, voltou a emitir o tato distorcido de que era formado na UnB, quando alegou que tinha possibilidade de mudar-se para um setor melhor de seu trabalho por ter a graduação naquele curso;
- 2) Ainda em relação aos estudos, o cliente enfatizou sua inteligência e facilidade de aprender nas primeiras sessões. Disse ter sido aprovado em todos os concursos que prestou. Por outro lado, na terceira sessão, descreveu suas dificuldades no Vestibular, tendo tirado uma nota negativa na primeira tentativa (isso é possível considerando que uma resposta errada anula uma certa). Além do mais, na sessão 13, contou sobre problema na faculdade por ter reprovado uma disciplina;
- 3) Em relação ao trabalho, afirmou que seu salário era tão bom que só valeria a pena deixar o emprego para assumir um cargo em um concurso de alto nível. Chegou a dizer o valor de seu salário para a terapeuta, descrevendo-se como ocupante de cargo de nível de escolaridade

superior. Tal situação seria impossível, já que Ricardo não tinha formação superior; e

- 4) Também na primeira sessão, ao descrever seu histórico afetivo, Ricardo afirmou que, ao perceber que não tinha habilidade com as mulheres, leu diversos livros sobre relacionamentos e comportamento masculino. Passou a aplicar tudo o que aprendeu e, desde então, afirmou nunca ter tido nenhuma decepção ou sofrido rejeição. Todavia, contou, por exemplo, o caso de uma garota para quem ligou algumas vezes e fez convites, mas ela nunca aceitou e passou a não atender às ligações nem responder às mensagens, de forma que ele acabou desistindo de manter contato. “A mulher tem que demonstrar o mínimo de interesse para que eu continue”. Descreveu também que as meninas mais bem resolvidas e que gostam de ficar sem compromisso geralmente não davam atenção a ele. Tinha dificuldade de se aproximar das mulheres que considerava bonitas, pois elas poderiam ter o homem que quisessem (ele descreveu como uma rejeição indireta, pois não tinha coragem de tentar). Ressaltase que os relacionamentos amorosos do cliente foram assunto levantado por ele em todas as sessões, e que tais relatos sobre dificuldades e rejeições aconteceram em baixa frequência. Na maior parte do tempo, ele descrevia situações para a terapeuta exaltando seu sucesso com as mulheres.

Outra classe de comportamento relacionada ao padrão mentiroso e que foi observada na relação terapêutica foram fatos distorcidos a respeito de si mesmo: descrições detalhadas, positivas e por muitas vezes exageradas sobre suas características e seus comportamentos em contraposição a uma descrição sempre

muito crítica e negativa sobre terceiros: “não sei o que é ser rejeitado”, “sempre que saio fico com alguém. É inevitável, as mulheres chegam em mim”, “aprendi a dançar *zouk* em 2 meses, por isso não gosto de levar minha namorada para dançar. Ela entrou na aula junto comigo, mas não conseguiu aprender. Eu não tenho paciência de dançar com ela a noite toda. Estou num nível em que não tem mais o que aprender na dança. Provavelmente vou me cansar logo desse *hobbie*, como aconteceu com os outros. Não tem como evoluir mais”, “sabe quando Jesus diz para que aquele que não tem pecado atire a primeira pedra? Então, eu poderia ser essa pessoa”, “na viagem ao Peru, quase morri. Era a pessoa com pior condicionamento físico, mas fui o único a completar a trilha, que era para profissionais”.

No ambiente natural, o maior exemplo sobre o padrão mentiroso se refere ao comportamento infiel: segundo o cliente, o fato de ter namorada e ficar com outras mulheres implicava em contar mentiras para as moças, para que pudesse conciliar os relacionamentos. Chegou ao ponto de mentir para a namorada mesmo quando ela não perguntava nada sobre o fim de semana ou em situações em que achava que ela não iria se importar se ele dissesse que havia saído. As mentiras também tinham a função de impressionar ou conquistar as garotas. Algumas falas são significativas a esse respeito: “Mulher gosta de achar que o homem está investindo, se esforçando para passar um tempo com ela”, “eu desempenho papéis e me torno tudo o que a mulher quer. Se ela disser ‘eu te amo’ eu digo que amo também”, “elas acham que sou bonzinho e eu sinto até pena algumas vezes”. Com base nos comportamentos observados durante as sessões, sugere-se que o cliente provavelmente repete o padrão em seu ambiente natural (familiar, profissional, social), também emitindo fatos distorcidos sobre seus comportamentos e características, sempre exaltando o seu sucesso e suas qualidades.

Ao ser questionado sobre seus comportamentos, o cliente emitia racionalizações/justificativas, ou melhor dizendo, na perspectiva da Análise do Comportamento, emitia fatos distorcidos para si mesmo como ouvinte acerca das variáveis que controlam seu comportamento, o que também pode ser identificado como um caso especial de esquiva. Isso acontecia especialmente quando se tratava de não correspondência entre o dizer e o fazer. O melhor exemplo em relação a esse aspecto se refere ao discurso religioso (“não existe cristão mais ou menos”) e os constantes relatos de traição, mentiras, falta de consideração pelos sentimentos das moças com quem se envolvia. Nesse ponto, ele justificava-se dizendo que tentava seguir todos os ensinamentos da Bíblia, mas que era impossível seguir tudo. O problema não seria o pecado, pois Deus perdoa ao examinar as intenções no coração de cada um. Além disso, apontava a infidelidade como um vício que não podia controlar, e destacava o fato de ter procurado terapia para mudar como indicativo de que estava se esforçando para praticar o bem. Apontou também a possibilidade de a infidelidade estar ligada a uma questão biológica, dizendo que todos os homens estariam programados biologicamente para ter várias parceiras e aumentar a chance de espalhar seus genes. Na prática, não exercitou nenhuma das alternativas discutidas em terapia para alterar o comportamento de infidelidade e, por vezes, seu discurso era o de que queria aproveitar a vida, conhecer várias mulheres. Chegou a dizer que a poligamia não seria pecado, pois na Bíblia havia vários casos.

Destaca-se ainda a emissão de intraverbais em relação ao casamento e à infidelidade. O cliente afirmava ter pena das moças, sentia-se culpado por estar enganando e saber que poderia machucá-las. Afirmou estar preocupado por perceber que estava se tornando uma pessoa fria. Todavia, ao contar sobre o dia em que uma moça com quem estava se relacionando descobriu que ele havia ficado com outras

meninas, relatou choro, gritos, xingamentos, agressão física, mas disse que se sentiu afetado apenas quando ela arranhou seu carro, o que o fez ficar com muita raiva dela. Sobre o casamento, disse que era seu objetivo de vida. Entretanto, na sessão 14, afirmou que, quando pensava na ideia de casamento, imaginava que passar o resto da vida dormindo e acordando ao lado da mesma mulher seria um inferno.

2. Análises Funcionais Moleculares

Algumas análises funcionais de comportamentos relevantes de Ricardo são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Microanálises funcionais de comportamentos emitidos pelo cliente em estudo. R+ refere-se a reforçamento positivo; R- a reforçamento negativo; P+ à punição positiva; P- à punição negativa; Fq à frequência da resposta; ↑ à aumento de frequência; e ↓ à diminuição de frequência.

Antecedentes	Resposta	Consequências	Processo/Frequência
Em situações sociais/ conversas (no ambiente de trabalho, com namoradas, com a terapeuta)	“Tirar onda”: falar sobre seu nível cultural elevado (música clássica, jazz), expressar desinteresse por coisas populares (futebol, música popular), falar sobre suas características “positivas” (inteligência acima da média, sucesso em concursos, grande habilidade em tudo que se propõe a fazer, persistência, força de vontade, competência, sucesso em conquistar e manipular mulheres), falar sobre seus bens materiais (valor do salário, carro, roupas de marca, coleção de óculos)	Admiração/valorização das pessoas/ é visto como modelo/ diferencia-se dos demais (principalmente dos pobres e de pessoas com “nível cultural inferior ao seu”)	R+ Fq ↑
		Algumas pessoas se afastam por ele ser diferente (quando afasta pessoas que segundo ele são inferiores, o motivo do afastamento seria ele não gostar do que é popular)	R- Fq ↑
		Evita expor seus defeitos e fragilidades	R- Fq ↑

Antecedentes	Resposta	Consequências	Processo/ Frequência
Na adolescência menina demonstrou interesse e tentou beijá-lo	Esquivar-se do contato com a menina	Cumprir a regra da religião	R+ Fq ↑
Regras da religião - É preciso preservar a castidade. O objetivo do namoro é o casamento	Dizer que não poderiam ficar juntos (ela era muito nova e ele só poderia namorar para casar)	É reconhecido como um rapaz sério, diferente, que segue os princípios da religião	R+ Fq ↑
		É considerado estranho/bobo por pessoas de grupos não religiosos	P+ Fq ↓
		Perde oportunidade de contato com reforçadores de um relacionamento amoroso	P- Fq ↓
		Efeitos: sente-se orgulhoso por cumprir as regras da religião mais do que os outros	
		Ao mesmo tempo sente que talvez seu esforço não valha a pena, sente-se fracassado por não saber como tratar uma mulher	
Privação de afeto/ privação de reforço social/ reconhecimento como "homem"	Ler livro sobre relacionamentos Colocar em prática regras de conquista aprendidas nos livros	Estabelecimento de relações afetivas/ meninas o valorizam/ o elogiam/ dão atenção/ exigem sua atenção e cuidado/ são carinhosas	R+ Fq ↑
Contato com mulheres/ oportunidade de conhecer e ficar com mulheres	Aproximar-se de mulheres frágeis, ingênuas e dependentes/ tentar relacionamento	Efeito: sente-se "O cara", aproxima-se do padrão que admirava - homem que fica com várias mulheres e se dá bem, é valorizado	
	Evitar mulheres independentes e de personalidade forte, aproximar-se dessas apenas como amigo	Evita rejeição dessas mulheres/ evita estimulação aversiva relacionada ao "desafio" de conquistar esse tipo de mulher (não saber o que dizer, como se aproximar)	R- Fq ↑

Antecedentes	Resposta	Consequências	Processo/Frequência
Situações sociais em que seus erros e fracassos são colocados em evidência, situações em que poderia ser julgado Exemplo: Terapeuta o questiona sobre falta de correspondência dos seus relatos sobre religião e seus relacionamentos com mulheres	Ricardo emite tatos distorcidos e dá razões para a sua forma de agir. "Quando digo que nunca sofri rejeição, é porque não considero como rejeição - se a mulher não me quer, quem está perdendo é ela. A mulher geralmente não sabe o que é melhor para ela". "o importante é o que está no meu coração. Deus sabe que tenho tentado seguir o que a Bíblia diz, por isso perdoo sempre que eu pecar e me arrepender". Ricardo emite intraverbais: "o meu objetivo maior de vida é o casamento". "Comecei a terapia e isso mostra que estou tentando ser uma pessoa melhor". "Deus perdoa 70 vezes 7 vezes".	Esquiva-se da responsabilidade de assumir seus erros, esquiva-se de expor suas fragilidades, evita julgamentos negativos	R- Fq ↑
		Reconhecimento das pessoas, imagem de uma pessoa diferenciada, que não peca e quando fracassa, sempre há uma explicação externa a ele	R+ Fq ↑
Diante da terapeuta (mulher, mais nova, aparência física de fragilidade)	Comportamentos de paquera: abrir a porta, beijar testa, perguntar o que gosta de fazer, esperar para acompanhar terapeuta ao carro	Terapeuta nega as ofertas, evita contato físico, enfatiza o relacionamento profissional por meio de perguntas voltadas para a queixa	Extinção Fq ↓

3. Controle Instrucional

Observou-se que o controle instrucional era muito presente na vida do cliente, pois apresentava alta frequência de comportamentos governados por regras. É possível descrever que o comportamento de Ricardo, na maior parte do tempo, estava relacionado ao seguimento de padrões. Identificou-se que as principais regras estavam relacionadas a três aspectos centrais, que serão descritos a seguir:

- a) Valores religiosos: Ricardo praticava uma religião cristã e afirmou que um de seus pressupostos era seguir todos os ensinamentos da Bíblia. Dessa forma, um dos padrões que o cliente buscava seguir era o do “cristão verdadeiro” em contraposição ao “cristão mais ou menos”. Ele

deveria ser alguém que conhece a palavra de Deus e a coloca em prática. É interessante frisar, contudo, que frequentemente Ricardo interpretava as regras religiosas a seu favor, ou seja, enfatizava regras que justificassem os seus comportamentos ou criava autorregras que produzissem o efeito de diminuir seu sentimento de culpa em relação aos seus atos. Alguns exemplos de regras deste tipo são:

- “Casar é o meu objetivo de vida”;

- “Não posso terminar com minha namorada. Ela é uma menina muito virtuosa. Não encontrarei alguém que poderá ser uma esposa tão boa quanto ela”; e

- “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”. “Deus perdoará meu pecado 70 vezes 7 vezes”. “O importante é tentar seguir o caminho certo. Deus sabe onde está meu coração”.

- b) Valores materiais: Ricardo afirmou que não viveu em boas condições sociais na infância e adolescência. Uma lembrança marcante foi ver crianças barrigudas e com roupas rasgadas brincando perto do esgoto do bairro em que morava. Decidiu ainda naquela época: “não me importo em ser feliz, mas não vou ser pobre”. Essa regra sinaliza o papel central do dinheiro, da posição social e dos bens materiais para Ricardo. A autorregra também está relacionada aos comportamentos que buscam diferenciá-lo da população em geral no que se refere ao nível cultural, que deve ser elevado e distante do gosto popular de pessoas pobres e sem estudo (relatou não gostar de futebol e ter preferência por música clássica, por exemplo); e

- c) Relacionamentos amorosos: até os 23 anos, Ricardo buscou seguir o preceito religioso da castidade. Entretanto, relatou não ter obtido o reconhecimento que esperava ao seguir as regras ao pé da letra e, ao mesmo tempo, observava que os homens que não seguiam obtinham sucesso e muitas vezes conseguiam se casar com as melhores mulheres depois de se divertirem muito. Ao modificar seu comportamento e agir como esses homens, verificou que a vida com várias mulheres era muito fácil e não ocorreu nenhuma consequência muito negativa, segundo sua avaliação. As regras de relacionamento que aprendeu em livros e que afirmou tentar seguir para se igualar aos homens de sucesso são:
- “Nunca dê valor demais a uma mulher”;
 - “Você tem que se valorizar. É você que estabelece seu preço”;
 - “Você pode ter a mulher que quiser. As mulheres são diferentes. Basta descobrir o que aquela mulher quer e proporcionar isso a ela”;
 - “A mulher quer se sentir especial. As mulheres querem ser enganadas e acreditam naquilo que querem ouvir”;
 - “Não se relacione com uma mulher só. Você se tornará ainda mais interessante para as outras, se tiver várias”;
 - “Quando você começa a se envolver emocionalmente, há grandes chances de você estragar tudo, pois você começa a se comportar como os caras bobos”.

4. Relação Terapêutica

A relação terapêutica foi ponto bastante especial neste caso. Verificou-se que o cliente repetiu os padrões do seu ambiente natural em terapia. Os sentimentos que

despertava na terapeuta foram sempre tratados com muita atenção, tanto por servirem de pista para a reação das pessoas ao cliente no ambiente natural, como por exigirem cuidado para não influenciarem negativamente o processo. Em alguns momentos, diante dos relatos das dificuldades que enfrentou na vida para estudar e trabalhar, a terapeuta sentiu admiração pelo cliente. A hipótese é que o efeito que ele buscava produzir nas pessoas com a maioria dos seus relatos é aprovação e admiração. Contudo, ao identificar relatos muito exagerados e sempre positivos sobre si mesmo, além de menosprezo em relação às outras pessoas, o efeito durante a sessão de terapia era contrário. Mais especificamente, muitas vezes o relato do cliente despertava cansaço por ser repetitivo em relação ao quanto ele era o melhor em tudo. Frequentemente também o sentimento da terapeuta era de irritação quando claramente o cliente mentia nas sessões e fazia comentários muito machistas e que desqualificavam as mulheres.

Em relação ao padrão de exigência, o cliente apresentou diversos CRBs¹ 1. Na primeira sessão, afirmou que estava buscando resultados rápidos e questionou a terapeuta sobre sua qualificação e formação. Ao ser questionado sobre faltas à terapia, criticou a terapeuta, dizendo que esperava mais objetividade e que fosse dito exatamente o que ele deveria fazer. Reclamou que, depois de 2 meses de terapia, não havia acontecido nenhuma mudança. Também sugeriu a forma que considerava mais adequada de conduzir a terapia, pedindo que acontecesse como uma aula. Além disso, houve também diversos CRBs 1 relacionados ao padrão denominado de mentiroso, como as inconsistências no discurso e os constantes relatos muito fantásticos e exagerados sobre si, resumidos na frase “eu sou o cara”. Além disso, é

¹ O termo comportamentos clinicamente relevantes (CRBs) foi empregado por Kohlengerg e Tsai (1991/2001) para designar tanto comportamentos-problema apresentados pelos clientes como comportamentos finais desejados. Especificamente, os CRBs 1 são os comportamentos-problema presentes no repertório do cliente. A diminuição da frequência de tais comportamentos é um dos objetivos a serem atingidos ao longo da terapia.

interessante destacar os comportamentos classificados como paquera em relação à terapeuta. Sugere-se que esses comportamentos estão relacionados a operações de controle de estímulos, visto que a aparência física e o tom de voz da terapeuta a colocam na mesma classe de estímulos das mulheres que o cliente descreveu como sendo de sua preferência. Além disso, é necessário considerar também a própria característica da relação terapêutica, em que a terapeuta buscava ser acolhedora, atenciosa e reforçadora em relação a Ricardo.

5. Histórico de Vida

5.1. Familiar

Ricardo era o primeiro filho do casamento de seus pais. Tinha duas irmãs mais novas, as quais eram sustentadas pelos pais e não ingressaram na faculdade. Considerava-se bastante diferente das irmãs, pois, apesar de serem pessoas boas e religiosas, elas eram muito acomodadas, não estudavam e não possuíam nenhum objetivo de vida. A mãe trabalhou a vida inteira como professora de pré-escola. Ele a admirava pela inteligência, mas criticava a sua falta de ambição, pois trabalhou sempre na mesma ocupação em que não teve oportunidade de crescer. Apenas a mãe é religiosa e levava os filhos para acompanhá-la à igreja desde crianças. O pai tinha problemas com bebidas alcoólicas. Nunca teve emprego fixo e não ajudava em casa, nem financeiramente, nem no que toca ao apoio na educação das crianças. Contudo, foi descrito como muito agressivo e autoritário, de forma que ninguém nunca o questionava ou cobrava. O pai era de uma família com boas condições financeiras, mas, diferente dos irmãos, não estudou e nem soube administrar o seu patrimônio, ficando sem bens. Ricardo comparou a vida de sua família com a dos outros tios e descreveu que seu núcleo familiar constituía o lado pobre da família. Morou em

bairros de classe baixa da cidade. Na adolescência, um tio emprestou um apartamento para a família em um bairro de classe média, mas, alguns anos depois, pediu que a família desocupasse o imóvel.

5.2. Acadêmico-profissional

Sempre estudou em escolas públicas. Escolheu prestar vestibular para Direito, pois acreditava que era o curso que lhe traria retorno financeiro mais rápido, além de acreditar que os advogados possuem um *status* alto na sociedade. Obteve uma nota negativa no primeiro vestibular que prestou e assim percebeu que estava muito distante do nível dos outros alunos e que precisaria se esforçar muito mais do que eles. Dava aulas particulares de violão para juntar dinheiro para ajudar a pagar o seu cursinho. Um dos tios o ajudava a pagar as mensalidades. Afirmou que estudava em torno de 8 horas por dia, fora as aulas. Prestou sete vestibulares para Direito na UnB, tendo sido reprovado em todos. Não teve apoio dos pais para estudar: a mãe pediu que ele desistisse do curso de Direito diante dos repetidos fracassos no vestibular e recomendou que ele prestasse concursos públicos. Por fim, mudou de opção e foi aprovado em Ciência Política na UnB, mas cursou apenas dois semestres. Quando foi aprovado em um concurso para um cargo que exigia jornada de trabalho incompatível com a UnB, os pais pediram que ele abandonasse a faculdade para ajudar nas despesas. Apesar das dificuldades relatadas em relação ao vestibular, afirmou que foi aprovado em todos os concursos em que se inscreveu e pôde escolher o que lhe pareceu mais vantajoso.

5.3. Sócio-afetivo

Frequentava a igreja desde criança e participava de um grupo cristão desde os 12 anos. Sempre cumpriu as normas da igreja, que estabeleciam que ele não deveria ficar com ninguém e que o objetivo do namoro não era diversão, mas o casamento. Entretanto, viu que outros meninos que não seguiam essas regras se davam bem, ficavam com mulheres e chegavam a se casar com boas pessoas. Ele sentiu que não estava sendo recompensado por seguir as regras, no sentido de que percebeu que mesmo que continuasse se comportando assim, possivelmente não iria conseguir a esposa ideal que desejava. Isso ficou mais forte, quando sua atual namorada demonstrou interesse por ele, mas Ricardo disse que não poderiam ficar juntos e se afastou, mas fez isso principalmente por não saber como agir com uma mulher. Nesse momento, sentiu-se derrotado. Percebeu que, se não tivesse experiência e não soubesse como se comportar com uma mulher, mesmo que a esposa dos sonhos surgisse, ele não conseguiria nada com ela, pois não saberia se relacionar. Além disso, seria difícil achar uma menina que também nunca tivesse ficado com ninguém: “ela seria gorda e feia”. Namorou pela primeira vez aos 23 anos, quando achou que fosse o momento de encontrar uma pessoa para se casar. Escolheu entre as meninas do grupo religioso uma que achava interessante e pediu em namoro. Passaram 3 meses saindo sempre, mas sem se beijar. O namoro terminou depois de 5 meses. Descreveu a relação como superficial, não se envolveu com a menina, nem ela com ele. Acreditava que foi a única que ele não traiu. Resolveu terminar por três motivos principais: o pai da garota era “doido” (consumia bebidas alcoólicas e drogas), o nível cultural da namorada era inferior (morava numa chácara), ela já tinha experiência com outros relacionamentos, por isso ele sentia um pouco de nojo (por imaturidade de sua parte e pelo fato de ele não ter experiência).

Ficou claro novamente que não sabia nada sobre relacionamentos e sobre como se comportar, então passou a ler tudo o que podia sobre o assunto (livros, revistas sobre como um homem deveria agir, como conquistar, etc.). Depois disso, relatou nunca ter tido uma decepção: não houve nenhuma situação em que quis uma mulher e não conseguiu. Passou da posição de uma pessoa que não tinha conhecimento nenhum para o oposto. Descreveu que se tornou uma pessoa manipuladora, sentia-se poderoso. Era divertido manipular as meninas, mas ao mesmo tempo sentia peso na consciência. Afirmou que, depois do fim do primeiro namoro, chegou a namorar cinco meninas ao mesmo tempo. Sua iniciação sexual foi com uma delas e afirmou que, depois disso, não conseguia mais imaginar-se sem uma vida sexual ativa. A namorada atual também estava entre as cinco meninas. Foi terminando com uma de cada vez, mas decidiu racionalmente com quem iria ficar. Concluiu que sua namorada era a que daria uma esposa mais virtuosa: ela também era racional, eles conversam bastante, ela escutava e obedecia, era servil, a mãe a treinou para ser dona de casa e ele acreditava que ela teria sucesso profissional. Em relação aos pontos que considerava importantes para o casamento, falou que não havia receita pronta, acreditava que havia mais fatores eliminatórios. Ricardo não achava o lado emocional tão importante, seria possível desenvolver respeito e admiração ao longo do tempo. O casamento representava para ele um fim a ser atingido. Casar-se e formar uma família é o esperado para uma pessoa religiosa como ele.

Afirmou que tinha um problema em relação a ter contato físico com outras pessoas, nunca gostou que os outros se aproximassem e também não sabia bem como tocar os outros. Então, para se acostumar com esse contato, resolveu entrar numa aula de dança. Começou a sair muito para dançar e foi o contexto mais fácil para conhecer e ficar com mulheres diferentes.

Em relação às amizades, afirmou que seus únicos amigos são pessoas que frequentam o mesmo grupo religioso que ele. Afirmou ter tido apenas conhecidos na escola e na faculdade, mas disse que não tinha mágoas sobre isso. Sempre se considerou muito diferente das pessoas. Primeiro porque até os 18 anos, já tinha lido a Bíblia duas vezes, além de várias outras publicações religiosas, de forma que considerava que seu conhecimento a respeito de religião era maior do que o de muitos padres ou pastores, muito maior ainda do que das pessoas de sua idade. Além disso, os meninos da escola no Plano Piloto e depois na faculdade pertenciam a famílias com melhores condições financeiras e não passavam pelas dificuldades que passou. Tinham tudo o que queriam e isso o irritava, pois os considerava pessoas sem garra e sem objetivos. Outro ponto importante se refere ao fato de ser o único a manter a castidade. Acreditava que muitos colegas o achavam estranho, faziam piadas, não só sobre seu comportamento, mas também em relação à sua aparência física, pois era muito magro e alto. Ele não tinha assunto para falar com eles, pois não tinha experiência alguma. Sentia-se mal ao ver que os outros meninos tinham mais dinheiro, possuíam objetos caros, não passavam dificuldades, eram mais bonitos, podiam sair e fazer o que quisessem, e principalmente, ficavam com várias meninas, mesmo não sendo boas pessoas como ele.

5.4. Médico-psicológico

O cliente nunca havia feito terapia. O único problema de saúde relevante que relatou aconteceu na época em que fazia cursinho. Afirmou que dormia pouco, tomava estimulantes (café, pó de guaraná) e não se alimentava bem. Acabou tendo o que chamou de colapso: desmaiou no cursinho e o médico fez recomendações para que ele alterasse sua rotina. Além disso, Ricardo achava que poderia ser hiperativo, o

que, segundo ele, também serviria para explicar sua “necessidade de conhecer e ficar com várias mulheres”.

6. Análises Molares

As Tabelas 2 e 3 apresentam análises molares em relação a dois padrões identificados no repertório comportamental de Ricardo.

Tabela 2. Análise Molar do Padrão Comportamental Crítico/Exigente.

Comportamentos específicos	Histórico de Aquisição	Consequências que mantêm	Consequências que enfraquecem
Comparar-se com as outras pessoas	Pertence a família de condições econômicas baixas	Algumas pessoas o tratam melhor ou se aproximam ao verem os seus bens materiais	Desgaste dos relacionamentos quando as pessoas não atendem às suas expectativas
Comprar bens caros e até se endividar para pagá-los Mudar-se para bairro melhor da cidade e ajudar a mãe no aluguel	mas sempre teve contato com pessoas de classe mais alta: os próprios tios e os colegas de escola e faculdade	Admiração e respeito de algumas pessoas	Aproximação de pessoas interesseiras e afastamento de outras pessoas com quem poderia desenvolver relacionamentos reforçadores
Evitar falar sobre fracassos ou sobre assuntos que possam dar margem a um julgamento negativo de si Fazer críticas constantes às pessoas que estão ao seu redor	Histórico de insucesso com mulheres na adolescência: as meninas preferiam os rapazes mais ricos, mais bonitos e mais experientes	Pessoas se esforçam para agradá-lo e atender às suas expectativas	
Escolha do curso de graduação considerando o que traria melhor retorno financeiro e maior status Omitir informações negativas a seu respeito, salientar pontos positivos	Ridicularizado por colegas, principalmente por sua aparência física e pela falta de experiência com mulheres	É bem recebido em círculos sociais de pessoas que admira	
Perguntar sobre as qualificações da terapeuta e criticar sua forma de conduzir a terapia			

Tabela 3. Análise Molar do Padrão Comportamental Mentiroso.

Comportamentos específicos	Histórico de Aquisição	Consequências que mantêm	Consequências que enfraquecem
Emitir fatos distorcidos ao descrever a si mesmo, sua história de vida, seus comportamentos e as razões para emissão de seus comportamentos	Comparações com a família dos tios e dos colegas de escola e faculdade, que possuíam condições melhores do que a sua	Reforçamento social: admiração, respeito, inveja	Desgaste dos relacionamentos quando as pessoas descobrem suas mentiras
Omitir informações negativas a seu respeito, salientar pontos positivos	Inserção em ambientes sociais em que os esquemas de reforçamento são conflitantes: no grupo da igreja o padrão de "bom cristão" é o esperado, entre os colegas, o de "pegador"	É apontado como um exemplo a ser seguido, é uma pessoa fora dos padrões: obtém sucesso em tudo que faz, tem dinheiro, mulheres e venceu apesar de todas as adversidades	As pessoas se cansam, se irritam, se afastam, sentem pena - gera sentimentos negativos nas pessoas
Evitar falar sobre fracassos ou sobre assuntos que possam dar margem a um julgamento negativo de si - "sou bom em tudo que faço, nunca fracasso"	Histórico de insucesso com mulheres na adolescência: as meninas preferiam os rapazes mais ricos, mais bonitos e mais experientes	Passou a ser notado, é o centro das atenções	Algumas pessoas se aproveitam dele quando notam que ele quer provar que é bom: aproximam-se dele para que ele pague contas, dê presentes e faça agrados
Dizer o que as pessoas (terapeuta, colegas, mulheres) querem ouvir/ emitir intraverbais	Ridicularizado por colegas, principalmente por sua aparência física e pela falta de experiência com mulheres	É bem recebido em círculos sociais de pessoas que admira	
Comportamentos relacionados à infidelidade	Foi um rapaz sem amigos e que dificilmente era notado no grupo		
	Modelo do pai, que fracassou profissionalmente e pessoalmente, mas mantém postura que todos respeitam		

7. Objetivos Terapêuticos

O primeiro objetivo era o desenvolvimento de repertório de autoconhecimento – identificar padrões comportamentais e variáveis que controlam seu comportamento. Nesse aspecto, algumas questões específicas precisavam ser trabalhadas: levar o cliente a discriminar que estava se comportando de forma a seguir padrões o tempo todo; identificar padrões comportamentais relevantes – era

inseguro, competitivo, crítico e mentiroso; descrever que, no que se refere à infidelidade, não ficava com as pessoas pelo prazer da companhia, mas para mostrar aos outros que podia, ou seja, que ele se encaixava também no padrão de homem de sucesso.

Além disso, buscou-se a diminuição da frequência de tatos distorcidos e intraverbais e aumento da frequência de tatos puros a respeito de si mesmo e das outras pessoas, bem como a diminuição da frequência de “racionalizações” (tatos distorcidos) – dar razões socialmente aceitas para os seus comportamentos.

8. Intervenções Realizadas

Em relação ao objetivo de desenvolvimento de repertório de autoconhecimento, foi realizado com o cliente treino em auto-observação e discriminação do próprio comportamento, do comportamento do outro e do efeito do próprio comportamento sobre o outro e vice-versa. Dessa forma, buscou-se a identificação dos padrões comportamentais do cliente e discriminação das variáveis que controlam seu comportamento. Na prática, uma das estratégias utilizadas para atingir esse objetivo foi o questionamento reflexivo. A seguir, um exemplo de intervenção.

Retomando a briga que ocorreu em uma festa quando uma das moças com quem estava se relacionando descobriu que ele havia ficado com outras meninas:

Terapeuta (T): Considerando as características que você descreveu de Maria (moça dependente, apaixonada, ingênua), qual a probabilidade de ela tomar a iniciativa de terminar esse relacionamento?

Ricardo (R): Acho que é pequena, parece que ela aceitaria praticamente qualquer coisa que eu proponha.

T: Como você avalia a qualidade da sua noite?

R: Por um lado foi boa, né? Porque eu consegui ficar com três meninas, mas depois teve toda a situação com a Maria, ela estragou meu carro, então foi ruim.

T: De que forma você poderia ter apenas a parte boa da noite?

R: Ah, acho que eu tenho que parar de sair para dançar, evitar outras mulheres...

T: Não, perguntei qual a forma de você ter a parte boa da noite, considerando que você queira continuar saindo e continuar conhecendo e ficando com várias mulheres?

R: Teria que terminar com ela.

T: Com base nisso e já que você disse que não se importa tanto com ela, o que faz você optar por continuar tendo compromisso com ela?

R: Acho que é a conveniência do sexo. Também porque eu não consigo ficar sem compromisso, pra mim é como se ter um relacionamento fosse a coisa certa... Talvez por algum motivo ela pense e tenha esperança que é especial para mim e que eu gosto dela. Eu não conseguiria assumir e falar na cara dela que não gosto dela. Teria que dar desculpas.

T: Você me falou que a Maria é uma pessoa dependente, que escuta o que quer ouvir. Por outro lado você diz que, quando está com ela, a trata como se ela fosse especial, como se fosse namorado e diz que a ama. O que acha de ter usado a palavra “talvez” para descrever as esperanças dela sobre os seus sentimentos?

R: Não entendi.

T: Com base no que você contou, qual você acha que é a probabilidade da forma como você se comporta dar alguma esperança para ela de que você gosta da moça?

R: Hmm... não sei, acho que não é “talvez”, é “com certeza”!

Foram realizadas análises motivacionais com o cliente, que consistiram em avaliações conjuntas durante as sessões do que Ricardo perdia e ganhava com seus padrões comportamentais, o que favoreceria e o que dificultaria a mudança.

Além disso, foram utilizados alguns deveres de casa, geralmente, perguntas sobre as quais o cliente deveria refletir durante a semana e trazer por escrito, buscando promover a auto-observação. Um exemplo disso se refere à discussão sobre o papel da religião em sua vida. O objetivo do dever foi levar o cliente a discriminar e falar claramente sobre as inconsistências do seu discurso religioso e os comportamentos que descrevia constantemente durante as sessões: orgulho, mentiras, julgamento do próximo. As perguntas foram:

- Quais preceitos da sua religião você não segue?
- Desses preceitos que você não segue, com quais você concorda e com quais discorda?
- Em relação aos que você concorda, mas não segue, qual é a justificativa para não segui-los?

Uma importante estratégia utilizada ao longo do processo com Ricardo foi a audiência não punitiva. Em termos práticos, a terapeuta evitava emitir respostas punitivas diante do relato do cliente, independente do conteúdo, incluindo especial atenção para as expressões faciais, cuidando para que não demonstrassem surpresa ou reprovação. Dessa forma, buscou-se que a terapeuta adquirisse função de estímulo que não sinalizasse punição, de forma a aumentar a probabilidade de Ricardo emitir relatos precisos, mesmo que o conteúdo desse relato provavelmente fosse punido em seu ambiente natural, como falar sobre as dúvidas e regras da religião que não segue ou não gostaria de seguir.

Outra estratégia utilizada com este cliente foi o reforçamento diferencial: a consequência para tatos distorcidos era extinção, enquanto a emissão de tatos puros era reforçada. A estratégia consistiu, então, em reforçar positivamente – por meio da demonstração de interesse, audiência ativa e perguntas – relatos verbais do cliente

que envolvessem uma descrição mais acurada das contingências e em extinguir – dando pouca atenção – relatos verbais analisados como fatos distorcidos. A terapeuta buscava mostrar-se especialmente afetiva quando o cliente demonstrava fragilidades, falava de insucessos e de dificuldades (nos momentos em que a função desse discurso não era descrever-se como alguém que supera todas as adversidades). Uma vez que o cliente também emitia o comportamento de se vangloriar e exaltar-se com frequência, uma meta da terapeuta era encontrar qualidades que ele não valorizava em si e demonstrar especial interesse e atenção para estas qualidades.

Outros comportamentos clinicamente relevantes eram as racionalizações e intraverbais, analisados funcionalmente nesse caso como uma forma de esquiva. Após o estabelecimento do vínculo, utilizou-se o procedimento de bloqueio da esquiva para intervir sobre essa classe de respostas. Após a emissão de uma racionalização, a terapeuta continuava fazendo perguntas, de preferência abertas com o objetivo de levar o cliente a identificar e descrever corretamente as variáveis que controlam seu comportamento. Evitou-se confrontação direta sobre as incongruências, ou seja, a terapeuta não explicitava diretamente em suas perguntas que o cliente estava sendo incoerente com algo que havia dito anteriormente, mas a estratégia era perguntar a mesma coisa de diferentes maneiras. Seguem alguns exemplos:

- Qual o nome se dá para comportamentos de pessoas que mentem, manipulam, agem sem consideração pelos sentimentos dos outros, julgam o próximo? (Pergunta feita após o cliente afirmar que seu único pecado era mentir especificamente para a namorada).

- Qual a importância dos preceitos religiosos para você? (O cliente costumava falar que era um cristão exemplar, que seguia todos os preceitos). Me fale das suas

tentativas de seguir esses preceitos em relação à fidelidade, por exemplo. (O objetivo aqui era levar o cliente a falar que não havia mudado nada em seu comportamento).

- Como é avaliada essa questão do arrependimento, se a pessoa volta a cometer o mesmo erro várias vezes depois? Ricardo citou outra passagem da Bíblia, que diz “não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”. Então, disse que as pessoas podem ter um arrependimento verdadeiro, elas querem agir de outra forma, fazer o bem, mas nem sempre são fortes o suficiente para conseguir, por isso Deus perdoa quantas vezes for necessário.

- Como isso que discutimos se aplica na sua vida? R: “na questão da infidelidade. Sei que estou pecando e estou agindo errado. Sei que o certo é mudar, mas acho que não consigo agora... não sei também se quero mudar agora... acho que não quero mudar”.

- Se Deus dissesse que isso não é pecado, como ficaria o seu conflito? R: “se a religião dissesse que não é pecado, não haveria conflito!”.

- Que efeito você espera produzir nas pessoas quando diz que a infidelidade é um vício? R: “Eu gostaria que você me falasse que é um vício, porque se for um vício, eu não seria culpado, as pessoas iam saber que é algo mais forte do que eu”.

9. Resultados Observados

Destaca-se o desenvolvimento do repertório de autoconhecimento à medida que o cliente aprendeu a identificar algumas variáveis que controlavam seu comportamento e desenvolveu habilidades de auto-observação, de modo que passou a descrever comportamentos e relacioná-los com variáveis ambientais e aspectos de sua história de vida. Além disso, o cliente apresentou a habilidade de descrever os efeitos de seus comportamentos nos comportamentos das pessoas com quem convivia e vice-versa.

Alguns CRBs 3¹ podem ser destacados a título de exemplo:

Sobre as meninas com quem escolhia se relacionar, o cliente mesmo discriminou que tinha preferência por meninas frágeis, ingênuas, dependentes. Não se aproximava de meninas com personalidade forte e independentes. Com as frágeis, havia maior probabilidade de sucesso, exatamente pela ingenuidade, acreditavam mais facilmente em tudo que ele dizia. Pela questão da fragilidade e dependência, também era mais fácil impressioná-las e conseguir sua admiração. Afirmou que esses fatores certamente influenciam nas suas escolhas. Já sofreu rejeições indiretas por medo de tentar. Muitas vezes já se interessou por meninas que considerou muito bonitas e não se aproximou, achou que não tinha nível para “chegar nelas”: “não sou bombado e antes não tinha muito dinheiro”. Acreditava que esse tipo de mulher consegue muita coisa pela aparência, achava que são mais superficiais, têm muito mais experiência (muitos homens tentam ficar com elas e elas ficam com o homem que quiserem). Achava que não tinha papo para falar com elas: quando estava diante de uma menina assim não sabia o que dizer.

Sobre outros homens, relatou sentir inveja de alguns que conhecia no contexto da dança. Quando chegava às festas, não ficava por perto. A vida deles é a dança: dançam muito bem e todas as pessoas os conhecem. As damas querem dançar com eles e esses rapazes ficam com quem querem. Cada dia estão com uma mulher diferente e não há o menor problema nisso. Gostaria de ser assim.

Em relação à questão do casamento, o cliente iniciou a terapia falando que esse era um de seus objetivos de vida. Ao logo das sessões, descreveu sua opinião sobre o casamento: representa o certo a fazer para um cristão. Entretanto, em seu mundo

¹ O termo comportamentos clinicamente relevantes (CRBs) foi empregado por Kohlengerg e Tsai (1991/2001) para designar tanto comportamentos-problema apresentados pelos clientes como comportamentos finais desejados. Especificamente, os CRBs 3 são falas do cliente a respeito do seu próprio comportamento. Envolvem a observação e a interpretação do comportamento e variáveis associadas a ele (estímulos reforçadores, discriminativos e eliciadores).

ideal, a namorada aceitaria relacionar-se com ele de forma aberta, ou seja, gostaria de poder continuar saindo e conhecendo mulheres diferentes. Descreveu como uma ideia terrível pensar em casar com uma pessoa e saber que terá que dormir e acordar todos os dias ao lado da mesma mulher e nunca mais poderá relacionar-se sexualmente com outra pessoa. Por fim, chegou a afirmar que não gostaria de mudar de comportamento (infidelidade) naquele momento.

No que se refere ao padrão mentiroso, observou-se oscilação na frequência de emissão de tatos puros em contraposição à emissão de tatos distorcidos, racionalizações e intraverbais. Exemplo claro disso foi o fato de o cliente repetir um tato distorcido sobre sua graduação na UnB na 12ª sessão, mesmo após ter desmentido essa informação desde a 3ª sessão. A inconsistência do discurso foi muito frequente ao longo das 16 sessões, de forma que em um dia observava-se um ganho com uma descrição de uma situação em que o cliente expôs pontos fracos, mas, na sessão seguinte, Ricardo voltava apresentando postura arrogante, relatando o quanto manipulou meninas durante a semana, por exemplo.

O cliente foi encaminhado para atendimento com outro terapeuta devido a constantes faltas sem aviso prévio após a 16ª sessão.

Considerações Finais

A mentira em suas mais diversas formas constitui um tema bastante comum em nosso cotidiano. É fato que existem vários valores culturais relacionados ao comportamento de mentir. Por um lado, há a visão dos mentirosos como pessoas que possuem um mau caráter e que seriam merecedoras de exclusão da sociedade. Por outro lado, pode haver até mesmo certa admiração por essas figuras que possuem a habilidade de mentir e com isso acabam obtendo diversos tipos de vantagens ou evitam desprazeres. O objetivo deste trabalho foi mostrar como diferentes áreas e, especificamente, a Análise do Comportamento interpretam o comportamento de mentir, indo além de concepções limitadas ao senso comum.

Skinner (1981) ressaltou que existem três níveis de variação e seleção do comportamento: filogenético, ontogenético e cultural. Na perspectiva analítico-comportamental, diferente do que ocorre em outras abordagens, a análise de um padrão comportamental deve envolver mais do que uma descrição topográfica de sinais e comportamentos ou de determinantes inconscientes. Além disso, busca-se explicação para o comportamento a partir de análises funcionais que consideram variáveis ambientais, tanto históricas como atuais (Delitti, 2001; Meyer, 2001).

A partir da apresentação de um caso clínico, buscou-se caracterizar operacionalmente o que seria um padrão comportamental mentiroso, mostrar variáveis históricas que contribuíram para a construção do padrão e ainda identificar ocasiões que favoreceriam sua apresentação e possíveis controles deste comportamento.

No caso de Ricardo, foi possível identificar vários exemplos de falta de correspondência entre comportamento verbal e não verbal (Lima & Abreu-

Rodrigues, 2010), emissão de tatos distorcidos e intraverbais. Para os fins deste trabalho, estes comportamentos foram agrupados em uma mesma classe funcional caracterizando o padrão comportamental mentiroso.

Ao tratar dos controles do comportamento de mentir, Glenn (1983) argumentou que, quase sempre, esse seria um comportamento de esquiva, mantido por reforçamento negativo. No caso de Ricardo, é possível sugerir que realmente o comportamento de mentir tem função de evitar críticas ou equiparações com modelos de homem considerados inferiores por ele: pobre e inábil com as mulheres. Entretanto, mais do que apenas evitar possíveis julgamentos negativos, verifica-se que a mentira para Ricardo dava acesso a reforçadores positivos, que o caracterizariam como “o cara”. Ele não era apenas um homem dentro da média, mas alguém extremamente bem sucedido com as mulheres, homem de nível cultural elevado, possuidor de bens materiais de boa qualidade, além de ser bom em tudo mais que se propusesse a fazer.

Nesse sentido, é interessante destacar ainda, dentro de uma perspectiva de análise molar, como este padrão mentiroso está intimamente relacionado com outro padrão presente no repertório de Ricardo, o padrão crítico/exigente. O cliente comparava-se o tempo todo com as outras pessoas, fazia críticas, definia padrões do que seria uma pessoa boa e do que tem mais valor na vida, enfatizava bens materiais e itens de boa qualidade. Contudo, ele mesmo não atendia a todos os requisitos que estabeleceu como excelentes para uma pessoa, logo, estabelece-se uma relação com o padrão mentiroso, que tem como função a adequação ao padrão de homem de sucesso estabelecido por Ricardo.

A questão do nível cultural de seleção do comportamento mostrou-se de forma bastante clara no caso descrito. Essa afirmação chama a atenção para a necessidade

de os terapeutas estarem sempre atentos a uma investigação dos valores culturais dos grupos em que seu cliente está inserido. É possível ainda retomar a visão evolucionista da mentira apresentada por Meltzer (2003), ao passo que se sugere que a mentira pode ser utilizada como um mecanismo de adaptação a situações sociais, mais especificamente neste caso, de adequação a um modelo socialmente esperado, mesmo que o indivíduo não atenda realmente a esse modelo. No caso de Ricardo, destacam-se valores que dizem respeito à definição do que é um homem de valor: precisa ter bens materiais, deve ser sedutor e saber conquistar e manter uma mulher, não é preciso que se apaixone realmente por alguém, mas é importante que esteja sempre se relacionando com mulheres: quanto mais, melhor. Em contraposição, existem também importantes valores religiosos no cotidiano de Ricardo, valores que pregam a importância de ser um bom cristão e que por vezes são incompatíveis com o modelo de homem de sucesso caracterizado anteriormente, o que gerava conflitos para o cliente. A identificação de valores culturais auxilia os terapeutas na análise do controle instrucional, com a identificação de regras e autorregras que participam da determinação dos comportamentos dos clientes.

Ainda no tocante a questões culturais, o relato deste caso pode contribuir para a prática da análise comportamental clínica, na medida em que trata da mentira, um padrão comportamental socialmente reprovado na maioria dos casos. Ademais, este caso em particular envolve valores que podem ser classificados como sexistas, como as concepções de que para o homem é natural trair, de que as mulheres são bobas e querem ser enganadas e de que valorizarão mais um homem se ele não for fiel a ela.

Em primeiro lugar, um caso como este é um exercício para que o terapeuta analise de que forma os seus valores estão interferindo em sua prática. Nesse contexto, Kohlenberg e Tsai (1991/2001) sugeriram que não há modelo de como uma

pessoa saudável deve se comportar, isto é, não se utiliza raça, gênero ou idade, por exemplo, para definir que comportamentos devem fazer parte do repertório de alguém, por outro lado, devem-se favorecer os repertórios positivamente reforçados e o abandono de controles aversivos. Isso justifica o motivo pelo qual a terapeuta não buscou fazer com que Ricardo deixasse de trair, permanecesse com uma namorada para que se casasse e formasse uma família, mesmo que isso fosse o que ela considerasse certo de acordo com seus valores pessoais. O objetivo da terapia, por outro lado, foi promover o autoconhecimento do cliente, a identificação das funções de seus comportamentos, dos custos e benefícios e de possíveis alternativas para seus conflitos.

Em adição, um caso como este, potencialmente, produz variados sentimentos em um terapeuta. Como foi descrito anteriormente, Ricardo conseguiu gerar admiração ao descrever sua determinação e superação de dificuldades. Por outro lado, frequentemente provocava sentimentos extremamente negativos na terapeuta, como raiva, desprezo e impaciência. Isso acontecia tanto quando a terapeuta notava a tentativa de Ricardo de enganá-la com suas mentiras como quando ele descrevia alguns pensamentos e formas de agir, principalmente em sua relação com mulheres. Houve ocasiões em que a terapeuta, como mulher, chegou a sentir-se extremamente ofendida pelo cliente e a empatia se deu em relação às mulheres com quem ele se relacionava e não em relação a ele.

Zamignani (2000) mostra que o terapeuta não é um agente neutro, dessa forma, além do repertório teórico que sustenta sua atuação, é possível haver influência de variáveis pessoais e históricas no seu comportamento. Assim sendo, o terapeuta pode responder ao cliente de forma diferente do esperado para um profissional. Banaco (2001) exemplificou, com diferentes casos clínicos, situações

em que os clientes evocaram sentimentos no terapeuta, como raiva e medo. O autor ressaltou a importância dos sentimentos do terapeuta como estímulos discriminativos para a compreensão de contingências em vigor na sessão. Além do mais, segundo a proposta de Kohlenberg e Tsai (1991/2001), a discriminação das emoções evocadas pelo comportamento do cliente no terapeuta é uma forma de identificar CRBs e dá pistas sobre o efeito que o cliente tem sobre outras pessoas em seu ambiente natural. Zamignani sugere que eventos internos, como sentimentos e pensamentos, poderiam participar de uma cadeia de determinação de outros comportamentos do terapeuta, como a tomada de decisão durante a sessão.

Em relação a Ricardo, a análise dos sentimentos da terapeuta teve papel importante para a formulação de hipóteses sobre os relacionamentos dele fora do consultório. Acredita-se que o padrão mentiroso era mantido por reforçamento intermitente. Em alguns momentos, Ricardo conseguia passar uma imagem admirável, ao passo que, em outras situações, a mentira era óbvia e incomodava ou sentimentos negativos vinham à tona diante de posturas muito radicais de Ricardo, com as quais a terapeuta, e, possivelmente, outras pessoas não concordavam.

Zamignani (2000) ressalta que a supervisão clínica tem grande importância no que se refere à avaliação do processo de tomada de decisão do terapeuta. Nesse momento, o terapeuta é auxiliado a identificar aspectos de sua atuação ligados ao comportamento do cliente e ao seu processo terapêutico e aspectos relacionados ao seu conhecimento do tema ou a contingências passadas ou presentes de sua história de vida. No caso em questão, a supervisão foi espaço para que a terapeuta expusesse e refletisse sobre seus sentimentos e foi possível identificar como esse cliente e as peculiaridades de sua queixa a incomodavam de forma particular devido a aspectos de sua história pessoal. A análise desses aspectos foi fundamental para que a

terapeuta exercitasse a discriminação de seus sentimentos durante a sessão e evitasse situações em que poderia entrar em conflito e agredir verbalmente o cliente devido às suas insatisfações com os comportamentos dele. A supervisão inclusive auxiliou a terapeuta a tomar a decisão de encaminhar o caso após as faltas, pois se verificou que suas emoções chegaram a um limite que comprometeria o processo.

A sugestão para a continuidade do processo terapêutico de Ricardo seria manter o foco na ampliação do autoconhecimento e das variáveis que construíram e mantêm seus comportamentos. Um investimento em uma relação terapêutica genuína poderia favorecer a emissão de outras análises mais fidedignas por parte de Ricardo, ou seja, o aumento da frequência de fatos puros. Nesse sentido, uma alternativa de intervenção baseada na Psicoterapia Analítica Funcional (Kohlemberg & Tsai, 1991/2001) seria a terapeuta expressar diretamente o seu incômodo e descrever seus sentimentos diante das inconsistências do relato do cliente, o que poderia ser classificado como uma consequência natural para o comportamento de mentir. Essa opção não foi colocada em prática pela terapeuta ao longo das 16 sessões, pois se observou alta frequência de comportamentos de fuga e esquiva por parte do cliente mesmo quando as inconsistências eram tratadas de forma indireta. Dessa forma, a terapeuta optou naquele momento por não fazer esse tipo de intervenção, avaliando que poderia levar a mais esquivas ou a um comportamento de fuga com o abandono da terapia.

Apesar de não ter sido possível dar prosseguimento aos atendimentos, este caso serviu como um grande aprendizado do que é ser terapeuta e das grandes dificuldades com as quais um terapeuta pode se deparar ao tratar de comportamentos socialmente reprováveis, incomuns ou incoerentes com os seus valores pessoais. Um caso como este é um exercício de como desenvolver empatia pelo outro, atividade

que pode ser bastante favorecida pela realização de uma análise molar do caso. Segundo Mário Quintana, “a mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer”. Em outras palavras, na clínica, seria possível interpretar a mentira como a verdade que o cliente gostaria de viver. O que devemos investigar é o que o levou a valorizar essa verdade e o que o impede de torná-la realidade.

Referências Bibliográficas

- Altshuler, I. M. (1925). The psychopathology of lying. *The Journal of Neurology and Psychopathology*, 21, 20-26.
- Banaco, R. (2001). O impacto do atendimento sobre a pessoa do terapeuta 2: Experiências de vida. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 2. A prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-comportamental* (pp. 167-174). Santo André: ESETec.
- Barros, R. S. (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 73-82.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. Silva, M. A. Matos, & G. Y. Tomanari, Trans.). Porto Alegre: Artmed.
- Beckert, M. E. (2001). A partir da queixa, o que fazer? Correspondência verbal-não-verbal: um desafio para o terapeuta. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. F. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 7. Expondo a variabilidade* (pp. 217-225). Santo André: ESETec.
- Cirino, S. (2001). O que é história comportamental. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. F. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 7. Expondo a variabilidade* (pp. 132-136). Santo André: ESETec.
- Collodi, C. (2002). *As aventuras de Pinóquio* (M. Colasanti, Trad.). São Paulo: Schwarcz.
- Delitti, M. (2001). Análise funcional: o comportamento do cliente como foco da análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição:*

Volume 2. A prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-comportamental (pp. 35-42). Santo André: ESETec.

Dike, C. C., Baranoski, M., & Griffith, E. E. H. (2005). Pathological lying revisited.

The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law, 33, 342-349.

Dorow, C. M. F. (2008). *Mentira e prosódia: Marcas da subjetividade*. Retirado em 10/08/2012 de http://www.celsul.org.br/Encontros/08/mentira_e_prosodia.pdf

Ekman, P. (1985). *Telling lies: Clues to deceit in the market place, marriage, and politics*. New York: W. W. Norton.

Ekman, P. (1988). Lying and nonverbal behavior: Theoretical issues and new findings. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12, 163-175.

Ekman, P. (1997). Lying and deception. Em N. L. Stein, P.A. Ornstein, B. Tversky, & C. Brainerd (Orgs.), *Memory for everyday and emotional events* (pp. 333-347). NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Ekman, P., & Frank, M. G. (1993). Lies that fail. Em M. Lewis, & C. Saarni (Orgs.), *Lying and deception in everyday life* (pp. 184-200). New York: Guilford Press.

Ekman, P., & O'Sullivan, M. (1991). Who can catch a liar? *American Psychologist*, 46, 913-920.

Ekman, P., O'Sullivan, M., & Frank, M. G. (1999). A few can catch a liar. *Psychological Science*, 10, 263-266.

Ferreira, A. B. H. (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo.

Freud, S. (1913/2006). Duas mentiras contadas por crianças. Em *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – volume XII* (pp. 185-188). Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Glenn, S. S. (1983). Maladaptive functional relations in client verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 6, 47-56.
- Glenn, S. S. (1986/2005). Metacontingências em Walden Doís. (R. C. Martone & D. S. C. Ferreira, Trans.) Em J. C. Todorov, R. C. Martone & M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: Comportamento, cultura e sociedade* (pp. 13-28). Santo André: ESETec.
- Grubin, D. (2005). Commentary: Getting at the truth of pathological lying. *The Journal of the American Academy of Psychiatry and Law*, 33, 350-353.
- Hartmann, F. (2010). A mentira. Retirado no dia 10/08/2012 do site http://xa.yimg.com/kq/groups/24628176/624334655/name/A_Mentira,+Fernando+Hartmann.doc
- Harzem, P., & Miles, T. R. (1978). *Conceptual issues in operant psychology*. Chichester, Inglaterra: Wiley.
- Hayes, S. C., Brownstein, A. J., Zettle, R. D., Rosenfarb, I., & Korn, Z. (1986). Rule-governed behavior and sensitivity to changing consequences of responding. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 45, 237-256.
- Kaufman, A., Baron, A., & Kopp, R. E. (1966). Some effects of instructions on human operant behavior. *Psychonomic Monograph Supplements*, 1, 243-250.
- Kerr, P. F., & Keenan M. (1997). Rules and rule-governance: New directions in the theoretical and experimental analysis of human behavior. Em K. Dillenburger, M. F. O'Reilly, & M. Keenan (Orgs.), *Advances in behaviour analysis* (pp. 205-26). Dublin, Ireland: University College Dublin Press.
- Kohlenberg, J. R., & Tsai, M. (1991/2001). *Psicoterapia analítica funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. S.

- Brandão, P. R. Derdyc, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco, & R. Starling, Trads.). Santo André: ESETec.
- Kümmer, A., & Harsányi, E. (2008). Psicopatologia de uma impostora. *Casos Clínicos em Psiquiatria*, 10, Retirado no dia 28/06/2012 do site http://www.abpbrasil.org.br/medicos/publicacoes/revista/arquivos/Artigo_Original_7.pdf
- Lacan, J. (1979/1990). *O seminário: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise – Livro 11*. (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lemma, A. (2005). The many faces of lying. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86, 737-753.
- Lima, E. L., & Abreu-Rodrigues, J. (2010). Verbal mediating responses: Effects upon generalization of say-do correspondence and noncorrespondence. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 43, 411-424.
- Marçal, J. V. S. (2005). Refazendo a história de vida: quando as contingências passadas sinalizam a forma de intervenção clínica atual. Em H. J. Guilhardi & N. C. Aguirre (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 15. Expondo a variabilidade* (pp. 258-273). Santo André: ESETec.
- Matos, M. A. (1991). *As categorias formais de comportamento verbal em Skinner*. Retirado no dia 21/08/2012 de http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/outros/as_categorias_formais_de_comportamento_verbal.PDF
- Medeiros, C. A. (2002a). Análise funcional do comportamento verbal na clínica comportamental. Em A. M. S. Teixeira, A. M. Lé-Senéchal Machado, N. M. S. Castro, & S. D. Cirino (Orgs.), *Ciência do comportamento: conhecer e avançar – volume 2* (pp. 176-187). Santo André: ESETec.

- Medeiros, C. A. (2002b). Comportamento verbal na terapia analítico comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 4, 105-118.
- Medeiros, C. A. (2010). Comportamento governado por regras na clínica comportamental: Algumas considerações. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 95-111). Porto Alegre: Artmed.
- Meltzer, B. M. (2003). Lying: Deception in human affairs. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 23, 61-79.
- Meyer, S. B. (2001). O conceito de análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição – volume 2* (pp. 29-34). Santo André: ESETec.
- Meyer, S. B. (2005). Regras e auto-regras no laboratório e na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues, & M. M. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 211-227). Porto Alegre: Artmed.
- Outeiral, J. O. (2004). *Breve ensaio sobre a mentira*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Passos, M. L. R. F. (2003). A análise funcional do comportamento verbal em Verbal Behavior (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 195-213.
- Pergher, N. K. (2002). É possível saber se o cliente está falando a verdade? Em A. M. S. Teixeira, A. M. Lé-Senéchal Machado, N. M. S. Castro, & S. D. Cirino (Orgs.), *Ciência do comportamento: Conhecer e avançar – volume 2* (pp. 109-122). Santo André: ESETec.
- Ribeiro, A. F. (1989). Correspondence in children's self-report: Tacting and manding aspects. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 51, 361-367.

- Skinner, B. F. (1953/1998). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1957/1978). *O comportamento verbal* (M. da P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Smith, E. O. (1987). Deception and evolutionary biology. *Cultural Anthropology*, 2, 50-64.
- Todorov, J. C. (1982). Behaviorismo e análise experimental do comportamento. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 3, 10-23.
- Todorov, J. C. (1989). A Psicologia como estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5, 347-356.
- Tomanari, G. Y. (2000). Reforçamento condicionado. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2, 61-77.
- Tourinho, E. Z. (2006). Relações comportamentais como objeto da Psicologia: algumas implicações. *Interação em Psicologia*, 10, 1-18.
- Zamignani, D. R. (2000). O caso clínico e a pessoa do terapeuta: desafios a serem enfrentados. Em R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 5. Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico* (pp. 229-240). Santo André: ESETec.

Anexos

Anexo 1. Modelo de termo de autorização para supervisão e arquivamento de relatórios utilizado no IBAC

**AUTORIZAÇÃO PARA SUPERVISÃO DE CASO
E ARQUIVAMENTO DE RELATÓRIOS**

Eu, _____,
portador(a) da identidade nº _____ estou ciente e concordo que as sessões de Terapia Analítico-Comportamental conduzidas pelo(a) terapeuta _____ sejam regularmente discutidas em supervisões de grupo e descritas formalmente em relatórios escritos, de acordo com a legislação estabelecida pelo Conselho Federal de Psicologia. Ademais, autorizo que tais relatórios sejam arquivados pelo(a) terapeuta e pelo(a) supervisor(a) do Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, tendo em vista a obrigatoriedade do registro documental decorrente da prestação de serviços psicológicos que, neste caso, se refere à atividade de estágio supervisionado do Curso de Especialização em Análise Comportamental Clínica. Foi-me assegurado que, nas referidas supervisões em grupo, minha identidade será mantida em sigilo, bem como quaisquer dados que possam identificar a mim ou meus familiares.

Brasília, ____ de _____ de 20 ____ .

Cliente/Responsável

Aluno(a)/Terapeuta

Coordenação Clínica

Supervisor(a)